RE ENCONTRO

literatura

editora scipione

Eça de Queirós

O crime do padre Amaro

adaptação de
José Louzeiro

Realismo

A tentativa de representar fielmente a realidade através de obras literárias é algo que existe desde as literaturas mais antigas. Mas o Realismo como escola literária, um conjunto de doutrinas a serem de alguma maneira seguidas pelos escritores, é algo que teve seu início por volta da metade do século passado. O cientificismo, a crença no progresso do homem a partir de uma observação objetiva da natureza, dominava os meios intelectuais europeus da época. Grandes progressos se faziam na área do conhecimento, graças a esta postura materialista frente à vida, e isso acabou refletindo na literatura: nas áreas de estudos sociais e políticos, Saint-Simon, Fourier, Proudhon, Marx e Engels renovam os estudos; na filosofia, dominam o determinismo (raça, meio e momento) de Taine e o positivismo de Comte; nas ciências biológicas, Claude Bérnard (medicina), Cuvier (anatomia comparada), Lamarck e Darwin; na psicologia materialista, Lombroso e Wundt; tudo isso sem falar nos progressos dos estudos geográficos e históricos.

Na década de 1840, alguns críticos e estudiosos franceses já utilizavam o termo "realismo" em alguns artigos e revistas, mas é em 1857, com a publicação de *Madame Bovary,* de Flaubert, que a nova escola literária se afirma. Poderíamos citar como principais características da escola:

- oposição ao que se considerava excesso de idealismo e fantasia do romantismo; defesa da objetividade ao tratar do mundo real: a realidade apresentada deve ser a realidade das coisas materiais, verificáveis;
- predomínio absoluto da razão e da observação sobre o sentimento e a imaginação; preferência por assuntos da época: o autor como testemunha de seu tempo;
- preocupação com aspectos estruturais das obras: as técnicas estilísticas e a forma de composição são valorizadas;
- aspectos psicológicos encarados como resultados da manifestação de algum fato fisiológico: a explicação está sempre na matéria, nunca no espírito;
- predomínio dos romances analíticos e psicológicos.

Ao contrário do que acontece em outras escolas literárias, no Realismo não há um consenso dos escritores sobre as características acima como essenciais à produção de uma obra, nem mesmo sobre a intensidade de manifestação dessas características no trabalho do artista. Assim, apesar de que possamos falar em "Realismo ele mesmo", a verdade é que a escola se desenvolveu em várias tendências, existindo ao mesmo tempo várias manifestações de "realismo", mais ou menos próximas entre si. As mais importantes tendências são o Naturalismo, o Parnasianismo e o Impressionismo.

O Naturalismo é a tentativa de aplicação às artes das idéias científicas então em moda: o determinismo de Taine, o método experimental de Claude Bérnard, o positivismo de Comte. Acreditava-se na possibilidade de uma literatura que pudesse expressar a realidade do mais rigoroso ponto de vista objetivo

e científico. O grande mestre da escola foi o francês Emile Zola, autor do ensaio O *Romance Experimental* e de obras como *Germinal* e *A Besta Humana.* Em Portugal, o grande nome do naturalismo é o escritor e historiador literário Teófilo Braga, se bem que características naturalistas apareçam em muitas obras de Eça de Queirós, como poderemos ver. No Brasil, os críticos literários Silvio Romero e José Veríssimo e os escritores Aluísio de Azevedo (que deu início ao movimento por aqui com o seu *O Mulato,* em 1881), Adolfo Caminha, Inglês de Souza e Júlio Ribeiro são os principais defensores e realizadores das idéias naturalistas. Entre as principais idéias defendidas por eles, podemos citar:

• o desenvolvimento do romance está subordinado às leis biológicas e fisiológicas, ao determinismo social e físico, aos fenômenos naturais;

• preferência por temas documentais e experimentais: quanto mais observável for o fenômeno, melhor para a obra;

• intenção de tornar a literatura um instrumento da ciência: o romance seria mais um ensaio sobre a natureza humana do que uma criação do gênio artístico;

• amoralismo: como o importante é a observação imparcial das atitudes humanas, o naturalista não se preocupa com as opiniões sobre os problemas ou personagens que descreve; isso, associado a uma preferência por temas patológicos (personagens com problemas doentios) e a uma visão negativa das classes sociais inferiores (procurando reformá-las pelo exemplo de seus erros) acabou gerando livros que alimentaram muitas polêmicas e receberam muitas críticas, por serem acusados de "imorais";

• preferência pela linguagem simples e direta, muitas vezes reproduzindo nos diálogos as particularidades de algumas classes e grupos sociais (gírias, vulgaridades).

O Parnasianismo é uma das expressões poéticas do Realismo. Tivemos a poesia realista, mas esta não alcançou muito sucesso. O movimento parnasiano surgiu oficialmente em 1866, com a publicação na França da revista *Parnasse Comtemporain,* com poemas de Theóphile Gautier, Leconte de Lisle, Théodore Banville e outros que melhor se definiriam, mais tarde, como simbolistas. Não existiu Parnasianismo em outro lugar fora da França, a não ser no Brasil, onde fixou raízes tão fortes que ainda na Semana de Arte Moderna de 1922 foi preciso um grande esforço dos novos poetas para abrir espaço às suas idéias por entre a cerrada dominação dos parnasianos na nossa poesia. O marco inicial do movimento no Brasil é o livro de Teófilo Dias, *Fanfarras,* lançado em 1882. Os principais nomes são Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia (a "Santíssima Trindade" da poesia brasileira da época), Vicente de Carvalho e Emílio de Menezes, mas incontáveis poetas de segunda linha surgiram por esta época no país. Podemos citar como características básicas dos parnasianos:

• culto da forma: preocupação com o aspecto formal da poesia, inclusive retomando o uso de formas poéticas fixas (que haviam sido de certa maneira desprezadas pelos românticos), em especial o soneto, os metros fixos (principalmente o alexandrino e o decassílabo) e a rima rica;

• defesa da "arte pela arte": a preocupação do poeta deve ser com a própria poesia, com o Belo artístico;

• retomada de temas clássicos inspirados na arte da Antigüidade greco-romana;

• contenção lírica: o artista não se deve permitir exteriorizar demasiadamente seus sentimentos, deve optar por temas mitológicos, eruditos e intelectualizados, buscando mais a análise do que o sentimentalismo. Como conseqüência, o estilo deve ser contido e sóbrio.

O termo Impressionismo vem de um quadro de Claude Monet que se chamava *Impression*, exposto em 1874. Os princípios desta tendência surgiram primeiro nas artes plásticas e depois foram incorporados pela literatura. O Impressionismo também tem na realidade o ponto de partida para a criação artística, mas ao contrário das demais correntes realistas que se apegam demasiadamente a esta realidade, tentando reproduzi-la de modo objetivo, o impressionismo está preocupado com a impressão que esta realidade produz no espírito no instante exato em que ele a capta. São a visão e o sentimento imediatos que a realidade cria no artista que devem ser reproduzidos por ele. Dificilmente se dirá que um escritor seja totalmente impressionista, mas o Impressionismo aparece como marca indiscutível nas obras de vários escritores da segunda metade do século passado e início deste. Em Portugal, Fialho de Almeida é o

nome mais representativo, mas também na terceira fase de Eça de Queirós, principalmente em *A Cidade e as Serras,* o Impressionismo é notável. No Brasil, há traços de Impressionismo nas obras de Raul Pompéia, Adelino Magalhães e João Ribeiro, para citar nomes importantes do final do século passado. O Impressionismo é já um prenúncio do Simbolismo, escola literária que teve seus maiores representantes entre os poetas e que se manifestou paralelamente ao Realismo-Naturalismo-Parnasianismo, mas de que não iremos tratar aqui por se tratar de um movimento já muito desvinculado destes que têm a realidade como ponto de partida para suas obras. Entre as principais características do Impressionismo, podemos citar:

• importância do tempo: é o momento imediato da apreensão da realidade, ou a recuperação deste momento pela memória, o que mais importa para o artista impressionista;

• predomínio da sensação sobre a razão: a realidade deve ser apreendida pela sensação que desperta no espírito do artista, e não pela sua análise racional;

• dinamismo do estilo: "escrever para os olhos", clara manifestação da importância das artes plásticas para os impressionistas.

O Realismo *ele mesmo*: Eça de Queirós e Machado de Assis

O Realismo, como pudemos observar acima, foi na verdade uma espécie de "colcha de retalhos" de manifestações artísticas que tiveram em comum entre si basicamente o repúdio ao Romantismo e às suas doutrinas. Mas, também como já dissemos, podemos falar em artistas "exclusivamente realistas", ou em artistas que, apesar de se ligarem a um ou outro movimento da época, não ficaram conhecidos como "naturalistas", "parnasianos" ou "impressionistas" porque não cabem dentro destas fronteiras. É o caso, por exemplo, de Antero de Quental, poeta português que foi o maior defensor das novas idéias estéticas realistas em Portugal e que, juntamente com Teófilo Braga, Eça de Queirós e outros menos importantes, deu início à célebre Questão Coimbrã, uma briga ideológica entre eles (então estudantes em Coimbra) e o poeta romântico tradicionalista Antônio Feliciano de Castilho e seus seguidores. A polêmica marca o início do Realismo em Portugal (1865). Antero de Quental inicia como poeta "socialista", defensor de idéias reformistas e revolucionárias, e com o passar dos anos acaba por se tornar um poeta "metafísico", preocupado com questões filosóficas ligadas à condição humana. Outros nomes da poesia realista em Portugal são Cesário Verde (com sua "poesia do cotidiano"), Guerra Junqueiro e Gomes Leal (ambos defensores de uma poesia de "agitação e combate social"). No Brasil, a poesia realista não teve muita expressão, apesar do genial Machado de Assis ter arriscado os seus versos realistas...

Mas foi na prosa que o Realismo atingiu o ápice como escola literária. Em Portugal e no Brasil, dois nomes aparecem com fantástico destaque quando comparados aos seus contemporâneos e mesmo quando colocados na perspectiva da história literária dos seus países: Eça de Queirós e Machado de Assis; um lá, outro cá.

Eça de Queirós fez o mais abrangente painel da sociedade portuguesa do seu tempo, principalmente na segunda fase de sua obra. Soube desprender-se do naturalismo esquemático que dominava as suas primeiras obras e chegou mesmo a experimentar o impressionismo em suas últimas. Revolucionou a língua portuguesa, modernizando-a em comparação com os seus antecessores, e criou tipos e caricaturas imortais (como o Conselheiro Acácio, símbolo da conversação vazia e da inteligência medíocre), exercitando uma ironia que se tornou marca registrada de sua obra. Machado de Assis é um escritor que dificilmente se enquadra em qualquer definição. Chamá-lo de realista se deve mais ao fato de ele pertencer ao tempo dessa escola e ao problema de não termos uma definição mais apropriadada para sua obra e seu estilo. Formou-se como escritor ainda durante o Romantismo, preso à necessidade de construção de enredos convincentes. A partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881, marco inicial do Realismo no Brasil), tornou-se o mais refinado analista de caracteres e personalidades da literatura em língua portuguesa. Era um mestre no romance, no conto e na crônica; foi fundador e presidente até a morte da Academia Brasileira de Letras; ninguém foi tão estudado e tão respeitado quanto ele em nossa história literária.

O crime do padre Amaro

Eça de Queirós

Sinopse

O crime do padre Amaro, de Eça de Queirós, publicado pela primeira vez em 1875, significou uma novidade e um escândalo na história da literatura portuguesa. Novidade porque era o primeiro romance português a apresentar uma visão de mundo calcada nas teorias realistas-naturalistas de arte. Escândalo porque a narrativa do envolvimento amoroso entre o padre Amaro e a jovem Amélia, entretecido ao retrato devastador da imoralidade e hipocrisia do clero português, bem como da indigência existencial da província, chocou a sociedade tradicionalmente religiosa e conservadora de Portugal.

O romance conta a história de um jovem padre, Amaro, que vai servir em Leiria, interior de Portugal, onde reencontra um antigo mestre de seminário, o cônego Dias. Instalado na casa de uma amante secreta do cônego, a S. Joaneira, Amaro acaba por seduzir Amélia, a jovem filha da hospedeira, e levá-la à desgraça, saindo ileso da situação.

A fidelidade realista de Eça nas descrições da relação amorosa entre Amaro e Amélia, bem como o anticlericalismo ácido e irônico do livro tornaram-no, durante muito tempo, proibido em muitas escolas e famílias de Brasil e Portugal, mas franquearam ao seu autor um sucesso de público que o acompanharia até o fim de sua vida e para a posteridade. Com esse livro, Eça inicia de fato sua carreira de grande estilista da língua portuguesa.

A seguir, o resumo da extensa e deliciosa narrativa de Eça de Queirós.

Resumo do enredo

Capítulo 1

O padre José Miguéis, da Sé de Leiria, aldeão rústico pouco querido da população, morre. O novo padre, Amaro Vieira, nomeado por influências políticas, só é conhecido do cônego Dias, que fora seu mestre no seminário. Do cônego, dizia-se que era rico e que tinha um caso com S. Joaneira, a Sra. Augusta Caminha, hospedeira humilde, mãe da bonita, forte e querida Amélia.

O cônego Dias entusiasma-se com a vinda de Amaro. Depois de receber uma carta do ex-aluno, pedindo-lhe que arrumasse hospedagem na cidade, comenta com o coadjutor da Sé sua idéia de hospedar o novo pároco na casa da S. Joaneira. No diálogo, revela-se o "carinho" do cônego pela hospedeira, a quem sustenta: gaba-se dos favores que ela lhe faz, elogia-a muitíssimo. O coadjutor acha a idéia boa, mas adverte para a presença de um homem na casa da Ameliazinha. O cônego, porém, está decidido.

Capítulo 2

Amaro chegou uma semana depois. O cônego Dias e o coadjutor recepcionaram-no e levaram-no até a hospedaria da S. Joaneira. Ele fez a sua primeira – e farta – refeição na cidade e relembrou os velhos tempos de seminário com o cônego Dias. Amélia chegou ao final da refeição e os dois se cruzaram, ambos envergonhados, na escada. Depois, ao se deitar, seu esforço para levar ao cabo as orações do Breviário foi vencido pelo cansaço e pelo barulho de Amélia no quarto de cima, despindo-se para dormir.

Capítulo 3

Amaro era filho de criados dos marqueses de Alegros. Aos seis anos, ficou órfão. A marquesa, viúva com dois filhos, encarregou-se de sua educação. Retirou-se para sua quinta de Carcavelos com ele e suas duas filhas – moças educadas para a fé e a moda ("pensam todos os dias na *toillete* com que hão de entrar no Paraíso", disse um jornalista).

O menino cresceu ("uma mosquinha morta" – franzino, calado e medroso) educado pela tia para a vida eclesiástica, pródigo de devoções religiosas e do excesso de carinhos femininos das criadas.

Quando a marquesa morreu, ele tinha doze anos. No testamento, ela deixou-lhe um legado para entrar no seminário, quando tivesse quinze anos. Foi então morar com um tio, abastado e rude comerciante, que o transformou em balconista. Sofreu então com a falta dos carinhos femininos que perdera: para a tia, era o "cebola"; para o tio, "o burro". Sonhava com o seminário, que para ele seria uma libertação, mas quanto mais reparava nas mulheres, menos sentia em si a vocação, dominado que estava pela preguiça e pelo desejo.

Enfim no seminário, mais por passividade que por escolha, entristecia-se com o ambiente soturno, mas sua natureza logo se adaptou às regras da vida eclesiástica. Ao se ordenar, foi informado pelo padre Liset, encarregado de cuidar de seu legado, que o dinheiro da marquesa sua protetora havia acabado. Dois meses depois, foi nomeado pároco de Feirão, na Gralheira, serra da Beira Alta, região pobre, triste e isolada. Lá tivera sua iniciação sexual, com uma pastora corada e forte.

Como a paróquia não prometia para o futuro, Amaro viajou até Lisboa, para pedir à filha mais nova da marquesa de Alegros, d. Luísa, sua intercessão a fim de conseguir nomeação para um lugar melhor na carreira eclesiástica. Por meio do marido desta, o conde de Ribamar, e por pressão de um grupo de amigos que se enfadavam na casa da condessa quando da segunda visita do pároco, Amaro conseguiu que o ministro

da justiça lhe prometesse a transferência para Leiria, cidade sede de bispado. Na ocasião dessa segunda visita à condessa, Amaro teve oportunidade de presenciar um debate sobre o papel da Igreja na sociedade, em que o ministro defendeu enfaticamente a manipulação do povo pelo clero para manter a "estabilidade política e social". Da mesma forma, pôde reparar na artificialidade do sentimento religioso dos freqüentadores da casa, gente da nobreza, que via nas celebrações espirituais uma ocasião de divertimento para a alta sociedade.

Capítulo 4

No dia seguinte, espalhou-se a notícia da chegada do novo pároco. As beatas foram até a casa da S. Joaneira, mas não o encontraram, pois fora até o chantre com o cônego Dias levar uma carta de recomendação do conde de Ribamar. Quando chegaram, à noite, já estavam lá os beatos e beatas, à espera de Amaro.

O novo padre, enquanto fazia sala para os paroquianos, reparava pela primeira vez na beleza e doçura da figura de Amélia. A certa altura da conversa, interveio um jovem que estava ao canto da sala, João Eduardo, namorado de Amélia. Ele declarou seu ceticismo quanto à Santa de Arregaça, uma velha doente e entrevada, cuja fama de milagreira se espalhava pela região. O rapaz foi fortemente criticado pelas velhas beatas.

A discussão foi interrompida pela chegada de um rapaz com aparência muito humilde e adoentada, o Artur Couceiro, violeiro e cantor de modinhas. Depois do chá, Amélia foi para o piano e João Eduardo cantou uma antiga canção muito romântica e triste. Chegada a hora da Loto, a moça da casa convidou Amaro para jogar com ela e eles ganharam. Amélia enrubesceu. O namorado, ao despedir-se dela, demonstrou despeito.

Todos saíram e Amaro se recolheu. Mas não conseguia dormir. Pensava em Amélia. Levantou-se para tomar um copo d'água, na sala, encontrou-a de surpresa, em roupas íntimas, preparando-se para dormir. Ela se assustou, ele se impressionou; os dois sentiram dificuldades para adormecer.

Capítulo 5

Como não conseguia dormir, Amélia recordou seu passado. Lembrou-se do irmãozinho que morrera, do falecido pai militar, da primeira mestra – uma freira que lhe contava histórias mórbidas de amor no claustro. Sua casa fora sempre muito freqüentada por padres e gente de religião. Sua maior alegria fora quando estudava música com o tio Cegonha. Certa vez, o mestre lhe contou uma história de amor entre um frade e uma freira. Naquele dia, teve febre, veio o médico e anunciou que ela se fizera mulher, menstruara pela primeira vez.

Seu primeiro caso de amor fora uma decepção, um tal Agostinho Brito, que se casara com outra. Enfurnou-se então na religião, de onde só saiu para o namoro com João Eduardo. As recordações foram passando como nuvens e ela adormeceu. Na manhã seguinte, saltou da cama para ver o padre Amaro saindo com o cônego para ir à Sé.

Capítulo 6

Amaro estava feliz em Leiria. Rezava as missas mecanicamente e voltava para a casa da S. Joaneira, que o tratava com mimos. Entre ele e Amélia, ia se criando um clima íntimo e levemente sensual. À noite, aparecia o cônego Dias e sua cadela Trigueira. Às vezes, iam visitar ao quarto a enferma tia Gertrudes, depois Amélia cantava ao piano, o que enlevava o pároco.

Em seu quarto, antes de se deitar, Amaro lia os *Cânticos a Jesus*, publicação "das Escravas de Jesus",

orações que misturavam a luxúria à devoção religiosa, livrinho que logo emprestou a Amélia, como um recado indireto de seus desejos.

Certo dia, voltando da casa da senhora dona Maria da Assunção, Amaro encontrou o portão aberto. Entrou com cuidado casa adentro, ouviu uma tosse grossa no quarto da S. Joaneira, afastou levemente o reposteiro de chita e viu a dona de casa em saia branca, atando o colete e, misericórdia!, o cônego Dias em mangas de camisa, arfando, sentado à beira da cama.

Capítulo 7

Alguns dias depois, Amaro e o cônego foram com o padre Natário, o padre Brito e o beato Libaninho jantar na casa do abade da Cortegaça, exímio cozinheiro e glutão. Durante o jantar, falaram da miséria e da pobreza, execraram os miseráveis e os pobres, condenando a libidinagem que os levava a procriar como coelhos. Alguém insinuou que o mau exemplo vinha de cima, afinal o povo comentava um relacionamento do padre Brito com a mulher do regedor, mas ele negou tudo, com veemência e indignação. Também discutiram o sacramento da confissão. Alguns dos padres confessaram que a utilizavam para controlar a vida dos fiéis e até mesmo para angariar votos. Amaro indignava-se com tais atitudes.

Terminada a refeição, saíram para um passeio. No caminho, padre Natário quase agrediu um velhinho em quem esbarrou pelo caminho. Como Amaro resolvesse voltar sozinho para casa, deixou o grupo. Acabou por topar com Amélia, que o convidou para conhecer a propriedade da mãe. Tiveram que passar pelo valado. Quando Amélia saltou, foi amparada por Amaro, que a enlaçou nos braços e a beijou fortemente. Amélia corou violentamente, recompôs-se, desorientada, e saiu correndo pelo caminho. Uma vez sozinha, não conseguia conter a agitação, apenas pensava, excitada: “Gosta de mim! Gosta de mim!”. Estava apaixonada, a rapariga. Em casa, não conseguia deixar de pensar em Amaro. Rezou para que a Virgem Maria confirmasse o amor do padre por ela.

Capítulo 8

Amaro, por sua vez, tremia de medo das conseqüências de seu ato. Pensou em contar tudo ao cônego, mas sua coragem apenas foi suficiente para lhe pedir que arranjasse outra casa onde pudesse morar. Dias gostou da idéia: a presença de Amaro na casa da S. Joaneira atrapalhava seus encontros amorosos com a velha. No mesmo dia, arranjou outro lugar para Amaro, que já se arrependera do pedido. Afinal, Amélia não abrira o bico. O último jantar foi triste, as mulheres da casa não se conformavam com a saída do padre. Amélia cantou ao piano uma música triste de despedida; Amaro chorou disfarçadamente. Em sua nova casa, Amaro sofria, pensando nos momentos ao lado de Amélia. Desejava-a tanto! Como ele gostaria de poder ficar com ela, com as bênçãos da Igreja e do Estado!

Capítulo 9

Era o mês de março e estava frio. Amaro aborrecia-se. Sua única companhia era o coadjutor, que aparecia de vez em quando. Evitava Amélia, chegou até a trocar o horário das missas. Ela, por sua vez, enfadava-se com João Eduardo e tinha sonhos lúbricos com Amaro, até adoecer. O médico recomendou à mãe que a casasse logo.

No domingo seguinte a sua recuperação, ela e a mãe encontraram Amaro à saída da missa. S. Joaneira reclamou da ausência do sr. padre e exigiu que ele aparecesse à noite. Amélia suplicou-lhe a mesma coisa, disfarçadamente.

Amaro ficou tão excitado que, à noite, chegou à casa das duas com o coração disparado. Todos o receberam com imensa satisfação, e ele voltou a freqüentar a casa. Os jogos de sedução com Amélia

recomeçaram, o que atormentava Amaro, cada vez mais revoltado contra o celibato que lhe tolhia a sexualidade.

Também João Eduardo enervava-se. Vagava pelas noites, preocupado com a intimidade entre a namorada e o padre. Chegou a adverti-la, e ela passou a tomar mais cuidado, mas muitas vezes não conseguia esconder sua excitação quando Amaro chegava para as reuniões noturnas. O namorado impacientava-se cada vez mais, e reclamou novamente. Certa noite, João Eduardo, insone e sem rumo, procurou a redação do jornal liberal da cidade, a *Voz do Distrito*.

Capítulo 10

A *Voz do Distrito*, comandado pelo doutor Godinho, chefe do Grupo da Maia, era oposição ao governador. O redator do jornal, Agostinho Ribeiro – rapaz sujo, cheio de vícios, nervoso – era parente de João Eduardo. Na conversa que mantiveram aquela noite, Agostinho incentivou João Eduardo a extravasar sua raiva, escrevendo um artigo contra o clero. Assim foi feito, mas a virulência do escrito foi tal que o doutor Godinho achou melhor que o jornal não assumisse a responsabilidade: o texto saiu como um "comunicado" assinado por "um liberal".

Enquanto o artigo anônimo de João Eduardo provocava estragos na cidade, Amaro preocupava-se com uma carta para Amélia, em que reclamava o silêncio dela a respeito de um bilhete que fora por ele anteriormente enviado. Quando chegou à casa da S. Joaneira na Rua da Misericórdia, à noite, o ambiente era de tensão: o cônego leu o artigo para ele e os demais presentes – Natário, Brito e os freqüentadores assíduos. O Comunicado, depois de fazer a apologia de Cristo libertador e a condenação dos fariseus, voltava-se para Leiria: em tom satírico, denunciava os amores do padre Brito com a mulher do regedor (o que provocou um ataque de cólera no sacerdote), a personalidade traiçoeira e intrigante do padre Natário, as imoralidades do cônego Dias e, por fim, as investidas de Amaro sobre Amélia.

Decidem, enfim, que Natário irá até o secretário-geral reclamar contra o artigo e pedir uma providência. Amaro despede-se e sai. O chá, aquela noite, mesmo com os esforços do cônego Dias para animar os presentes, foi contristado.

Gouveia Ledesma, o secretário-geral que substituía o governador civil, recebeu Natário, mas negou qualquer possibilidade de enfrentamento ao jornal por causa do artigo. João Eduardo triunfara, e gozava o seu triunfo. O doutor Godinho elogiou-o e prometeu sua nomeação para um emprego no Governo Civil. Imediatamente, o escrevente dirigiu-se à casa da S. Joaneira e pediu Amélia em casamento.

A mãe conversou com a filha e aconselhou-a a aceitar. Amélia vivia atormentada pelos efeitos do Comunicado e o desaparecimento de Amaro. Tinha raiva da covardia do padre. Aceitar o pedido de João Eduardo seria uma forma de se vingar e fazê-lo sofrer. Além disso, o casamento seria um porto seguro para o seu nome e o seu futuro. Poderia ter filhos. Quem sabe poderia até se tornar amante de Amaro. Acabou concordando com o casamento, incitada pela mãe.

Amaro ficou sabendo da notícia pelo cônego Dias. À princípio, revoltou-se contra João Eduardo, contra sua condição de padre, contra a Igreja, contra Amélia, contra a decadência do poder da religião, que não lhe permitia vingar-se. Enfim, tentou conformar-se. Daquela maneira seria melhor, cada um no seu caminho, sem problemas.

Alguns dias depois, foi à casa da S. Joaneira. Ele e Amélia trataram-se friamente, mas faziam força para se controlar. O padre Natário chegou no meio da noite, com a notícia de que o Brito fora transferido para a serra, para a freguesia de Amor, ao pé de Alcobaça. Informou também que o chantre resolvera "reformar os costumes do clero" preocupado com as reuniõezinhas entre eclesiásticos e senhoras. O cônego Dias tentou aparentar tranqüilidade, mas à saída, enquanto João Eduardo divertia-se com as senhoras no alto da casa, ele, na rua, debaixo da chuva, comentou com os colegas padres que a situação era preocupante.

Capítulo 11

O padre Natário, disposto a se vingar de qualquer maneira do autor do Comunicado, tomou providências para saber quem era o seu autor. Reatou uma amizade rompida há tempos com o padre Silvério, já que este era o confessor da esposa do doutor Godinho. Pouco tempo depois, foi visto conversando com o próprio responsável pelo jornal. Certo dia, Natário aparece à casa de Amaro e anuncia ter descoberto o autor dos originais: era o João Eduardo, noivo de Amélia! Decidem vingar-se do escrevente: enquanto Amaro é encarregado de arruinar o seu casamento, Natário tratará de impedir que o rapaz consiga o emprego que tanto almejava e, se possível, seja despedido – com o que Amaro não concorda, sem efeito sobre o colega.

Sozinho, Amaro tentava justificar os próprios atos: tratava-se de salvar a alma de uma moça do inferno, uma vez que ela se casaria com um ateu! Depois, dormiu e sonhou: ele e Amélia, amantes, eram acusados pelo diabo, que tinha a fisionomia de João Eduardo. Deus atira o padre no inferno, abismo número sete. Acordou suando, exasperado.

Na noite seguinte, foi chamado à casa da S. Joaneira para ministrar a extrema-unção à tia entrevada da Amélia. Ao final daquela noite, ficou sozinho com a moça, velando os últimos momentos da velha. Aproveitou, então, para revelar que João Eduardo era o autor do Comunicado, o que indignou a moça. A conversa terminou de maneira emocionada, com os dois se beijando. Foram separados pelos gritos da Ruça, que anunciava a morte da tia.

João Eduardo apareceu pouco depois, mas foi impedido por Amaro de entrar, o que lhe fez ficar dando voltas em torno da casa toda a noite.

Capítulo 12

No dia seguinte, Amaro foi procurar d. Josefa Dias, madrinha de Amaro. Instou com ela para convencer Amélia a romper com o escrevente. Também incentivou a que persuadisse Amélia a mudar de confessor: ele seria capaz de, no confessionário, direcionar com pulso firme os caminhos da menina. Dois dias depois, d. Josefa levou Amélia à Sé para se confessar com Amaro. Aproveitou para ir ao Carlos farmacêutico, fofocar com ele e a esposa, Amparo, sobre a descoberta do autor do Comunicado e a sem-vergonhice dos cidadãos de Leiria.

Capítulo 13

Logo ao anoitecer, João Eduardo recebeu uma carta de rompimento de Amélia, com as razões. Procurou o Agostinho e acusou-o de traição, mas ele transferiu a responsabilidade para o doutor Godinho. O escrevente adormeceu aos prantos, desesperado. No dia seguinte, tentou falar com Amélia, que não lhe quis dar ouvidos. Abalou então para o doutor Godinho, com quem discutiu. O político confessou que contara a história do comunicado a sua mulher, que contara ao padre Silvério, que contara ao padre Natário. João Eduardo implorou para escrever mais artigos no jornal, atacando os padres, mas o doutor Godinho expulsou-o, acusando-o de estar embriagado.

Sem saber o que fazer, procura o médico da cidade, o doutor Gouveia, o único ateu de Leiria. Desabafa com ele: qual era o seu erro? Era um cidadão honesto que estava sendo injustiçado e difamado. Qual tinha sido o seu crime? O doutor Gouveia, impassível, explica-lhe que a questão é a paixão do padre pela moça: nem a moral da Igreja, nem a moral social podiam deter a natureza. Eles eram homem e mulher e se amavam. A causa da queda de João Eduardo fora ele estar no meio do caminho de um poder maior, encarnado em Amaro: o poder da religião, que assustava tantas pessoas mas, no caso, encantava Amélia.

Capítulo 14

Angustiado e preocupado, João Eduardo caminha para o serviço até encontrar o tipógrafo Augusto, jovem de idéias e discurso revolucionário. Almoçam e bebem juntos. Vociferam contra os padres e pensam em um panfleto difamatório, vingativo, mas falta-lhes dinheiro. Bêbado, João Eduardo sai pela rua e cruza com Amaro. Tenta acertar-lhe um soco, que pega de raspão no ombro. É preso, mas Amaro intervém, preocupado com um possível escândalo, e posa de benevolente, pedindo a sua libertação. O patrão do escrevente não tem a mesma atitude: demite-o. Mais tarde, em casa, ele passa a noite a chorar, pensando em Amélia, a quem tanto amava, sentindo-se esmagado pelo mundo, justo ele que passara a vida a trabalhar, a cumprir as leis, a respeitar os homens. Não atinava com o que seria o seu destino. Enquanto isso, na casa da Rua da Misericórdia, Amaro é louvado pelas beatas que, ensandecidas pela indignação contra o ateu, queimam os pertences de João Eduardo, em um ritual de êxtase místico e inquisitorial.

Capítulo 15

No domingo seguinte, o Libaninho encontra com a S. Joaneira e Amélia à caminho da igreja. Fala do abandono do padre Amaro, cuja criada estava adoentada, e diz que seria uma boa idéia convidá-lo para voltar à Rua da Misericórdia. Na casa de dona Maria da Assunção, a senhora se mostrou da mesma opinião. Lá, admiraram a santaria que a velha rica conservava e colecionava: uma profusão de nossas senhoras, santos e crucifixos, relíquias de todo tipo. Tudo cuidadosamente amontoado e limpo.

Naquele dia, Amélia gozou como nunca a missa de Amaro. À noite, atendeu a um convite do cônego Dias e lá foi jantar, com ele, a irmã e Amaro. Os dois jovens roçavam os pés por debaixo da mesa, enquanto os dois padres travavam animadas discussões religiosas, para o delírio de dona Josefa. Depois de o cônego passar mal com o jantar, Amaro e Amélia vão embora juntos, acompanhados da nova empregada do padre, a Dionísia. Como chovesse, recolheram-se à casa de Amaro, que era mais perto. Ele dispensou a empregada, com a desculpa de ouvir a confissão à menina. Enfim, sós, amaram-se. Daí a pouco, Dionísia voltou para acompanhar Amélia até sua casa.

Capítulo 16

Amaro acordou no dia seguinte sem sombra de culpa. Já ia longe o dia em que mantivera relação sexual pela primeira vez e se remoera de remorsos. Agora, sabia que aquilo era comum, todos os padres praticavam o mesmo ato. Sua única preocupação era Dionísia, a criada que presenciara seu encontro a sós com Amélia. Era uma mulher escolada em relacionamentos proibidos, sabia que podia ganhar alguma coisa com a situação, e, contra a vontade do padre, colocou-se como cúmplice dos amantes. Disse que aqueles encontros podiam ser perigosos, era preciso tomar cuidado. Acabou bolando um plano: o lugar ideal para os amantes se verem era a casa do sineiro, nos fundos da igreja, pegada à sacristia. Amaro podia dirigir-se para lá logo após a missa; Amélia entraria por uma rua lateral, pouco movimentada. Amaro teve de reconhecer que o plano era bom e, para comprar o silêncio de Dionísia, deu-lhe algum dinheiro.

Naquele mesmo dia, o padre teve uma conversa com tio Esguelhas, o sineiro. Disse que precisava de um lugar secreto para instruir uma jovem que pensava em seguir a carreira eclesiástica. Acabaram por acertar o quarto do próprio sineiro, que lembrou Amaro de sua filha paralítica, Antônia, a Totó. O inconveniente serviu para aperfeiçoar o plano: à noite, na casa da S. Joaneira, Amaro sugeriu que Amélia, para ganhar uns pontinhos no céu, devia fazer o sacrifício de ensinar o catecismo à Totó, idéia entusiasticamente aprovada por todos.

Foi assim que passaram a se encontrar uma ou duas vezes por semana na casa do sineiro. Amélia chegava, tentava ensinar algumas letras e orações à Totó, entregava-lhe um livro com estampas de santos e subia para o quarto do tio Esguelhas com o impaciente Amaro, dizendo que ia rezar. Então se entregavam

com sofreguidão ao gozo. Ao descerem, Amaro passa reto pela menina paralítica; Amélia tenta conversar com ela, que olha para a moça com viva curiosidade, o que a assusta um pouco.

Capítulo 17

Foram os dias mais felizes da vida de Amaro. Os trabalhos da igreja não lhe traziam cansaço. Estava bem arranjado com uma cozinheira nova, a Escolástica. Amélia entregava-se a ele de corpo e alma, irresistivelmente dominada pela aura eclesiástica em volta do amante: ele era quase um Deus, pelo menos um representante dele aqui na Terra, a quem ela devia venerar. A ele, agradava aquela entrega absoluta, aquele fascínio dominador. Queria que o mundo se restringisse àquela relação em que reinava absoluto sobre ela. Por isso, volta e meia, demonstrava ciúmes quando ela, por qualquer motivo, saía de sua órbita.

Capítulo 18

A felicidade começou a sair dos trilhos por causa da Totó, que aos poucos se transformava em um monstro. Cada vez mais a menina odiava Amélia. Recusava-se a conversar com ela, escondia-se debaixo das cobertas, tratava-a estupidamente. Amaro tentou ralhar com a paralítica, mas foi em vão: Totó rompeu num escândalo, chorando histericamente, fazendo caretas aterrorizadoras. Com o tempo, passaram a simplesmente se desviar da menina, que, ao ouvir ranger a escada por onde subiam para o quarto, gritava: "Passa fora, cão! passa fora, cão!", "Lá vão os cães! Lá vão os cães!", "Estão a pegar-se os cães! Estão a pegar-se os cães!"

Aquilo mexia com os nervos de Amélia, que perdia o prazer dos encontros. Mesmo com as palavras tranqüilizadoras de Amaro, começa a sentir sobre si o peso do pecado que cometia. Pensa em não voltar na semana seguinte, esforça-se mesmo para isso, mas a força do seu desejo arrasta-a para o quarto, para Amaro, para o sexo com o homem.

Um dia, estavam os dois na sacristia examinando uma linda capa azul de Nossa Senhora, presente que a igreja acabara de receber. Amaro vestiu Amélia com a capa e excitou-se. Começou a apertá-la e beijá-la ali mesmo, excitando-a, até que ela se assusta com o sacrilégio que estava cometendo. Voltou correndo para casa. À noite, teve pesadelos. Na manhã seguinte, acordou adoentada. S. Joaneira se preocupa, chama o cônego Dias e pede a ele que vá verificar os encontros da filha com a Totó, pois Amélia sempre voltava alterada daquelas horas com a menina paralítica. O cônego concorda, mesmo contrariado com a obrigação que o tira da rotina.

No outro dia, Dias acompanhou Amélia até à casa do sineiro. Em um instante em que ficou sozinho com Totó, ela perguntou: "Onde está o outro? O bonito que a belisca e vai com ela para o quarto?". Dias saiu da casa, afogueado, esperou a saída de Amélia e retornou. Interrogou a Totó que lhe contou tudo, citando mesmo Amaro como o amante de Amélia: "São como cães!", disse.

O cônego saiu dali colérico e dirigiu-se à igreja. Entrou furiosamente na sacristia, imprecando contra Amaro, que, de início, se assustou com a descoberta de Dias, mas logo se recompôs. Confessou ao velho saber das suas relações com a S. Joaneira e sentenciou: "O padre-mestre que já tem idade agarra-se à velha, eu que sou novo arranjo-me com a pequena". Acuado, o cônego Dias foi obrigado a refrear sua cólera. Acabaram voltando às boas, cúmplices em um pacto de silêncio.

A tranqüilidade, então, voltou a reinar. Para melhorar as coisas, a Totó ficou doente e o médico diagnosticou uma tísica galopante que em pouco tempo mataria a menina, o que muito alegrou Amaro. Mas o coração de Amélia ia negro como a noite. Cada dia mais o sentimento do pecado roía-a por dentro, refletindo em sua aparência, o que fazia as senhoras todas da Rua da Misericórdia e a mãe repararem nela. Já não se entregava mais com tanta facilidade a Amaro, que reclamava constantemente. Mas bastava fechar-se a porta do quarto do sineiro e ela acabava arrastada ao mundo de luxúria que fazia as delícias do padre. Além

disso, as bolsas da igreja andavam cheias, e ele podia se dar ao luxo de andar bem vestido e mesmo comprar alguns presentes para Amélia de vez em quando.

Capítulo 19

Certo dia, Amaro entrou descontrolado no escritório do cônego Dias. Vinha anunciar uma desgraça: Amélia estava grávida. Depois de um momento de lamentação e discussão, tiveram a idéia de casar Amélia com João Eduardo, que a adorava. O problema era que o escrevente desaparecera. Decidiram então contratar a Dionísia para localizá-lo.

Amaro comunicou a decisão a Amélia, que se indignou. Sentiu-se usada, desprezada e humilhada. Custou ao padre convencer a moça de que aquela era a melhor saída para que ela não aparecesse desonrada aos olhos do povo da cidade. Além do mais, nada os impediria de continuarem a se encontrar, seriam amantes mesmo após o casamento.

Dionísia tardava com o paradeiro do escrevente e Amélia resignava-se com o casamento, pensando mesmo que aquela era a melhor solução. Como começasse a cobrar resultados da pesquisa a Amaro, ele se tornava ciumento, a relação tornava-se tensa, brigavam muito, até um dia em que ele a esbofeteou. Seguiu-se uma cena dramática. Ele pediu perdão, estava desesperado, fez que ela jurasse fidelidade a ele, mesmo casada com outro.

De volta a sua casa, Amaro recebeu de Dionísia a notícia de que era impossível encontrar João Eduardo. A última pista era que o rapaz havia partido para o Brasil.

Capítulo 20

O fracasso do plano do casamento abalou Amélia. Ela e Amaro se viam menos, e todas as vezes ela chorava. A salvação foi a doença de d. Josefa Dias, irmã do cônego e madrinha de Amélia, que se prontificou, com a mãe, a tomar conta da enferma, o que lhe proporcionaria, pelo menos, uma distração dos seus problemas. Em virtude do estado de saúde da irmã, o cônego Dias vê impedida a sua costumeira viagem para os banhos de mar, em Vieira, que realizava religiosamente a cada dois anos. Até que Amaro tem a brilhante idéia: o cônego iria, sim, para Vieira. E levaria com ele a S. Joaneira. D. Josefa terminaria sua recuperação na quinta da Ricoça, onde os ares do campo certamente lhe fariam bem. Para cuidar dela, iria a afilhada, a Amélia. Lá, a moça poderia ter o filho longe dos olhares curiosos de todos!

Amaro se encarregaria de convencer a d. Josefa, inventando uma história de que Amélia engravidara de um homem casado, e que era dever de madrinha proteger a afilhada do escândalo maior. Quanto ao bebê, o padre não sabia ao certo o que fazer, provavelmente arranjaria alguém de uma freguesia longe para adotá-lo.

Tudo arranjado, todos partiram daí a alguns dias. Após as despedidas, Amaro voltou para casa e recebeu um recado dizendo que tio Esguelhas andava a procurá-lo desesperadamente, para ministrar a extrema-unção à Totó, que morria. O padre foi até à casa do sineiro e lá encontrou Natário, que contou da morte da paralítica. Passou a tarde lá, consolando o tio Esguelhas.

Capítulo 21

Os dias seguintes foram tristes para Amaro. Prometera ao cônego Dias que não iria à Ricoça, para não despertar suspeitas. Sozinho em Leiria, suas companhias eram o coadjutor, que muito o aborrecia; o Silvério, com suas piadas velhas e sem graça e sua glutonaria; e o Natário, cujo mau-humor estava piorado por uma fratura mal curada que o punha de cama. Às vezes, encontrava o tio Esguelhas no cemitério, rezando pela Totó, outras tentava escrever versos, sem sucesso. Comia até estourar e enfadava-se.

Na Ricoça, Amélia sofria sua vida: já não suportava o azedume, a cara feia e os sermões de d. Josefa. Sentia muito ódio, amaldiçoava Amaro e o fruto de sua união com ele, que carregava no ventre. Quem percebia seu desconsolo era o santo abade Ferrão. Aquele era um padre diferente: vivia ali, na sua freguesia distante e pobre de Leiria, apartado das rodas de padres da cidade, preocupado com suas ovelhas, a igreja aberta sempre. Os seus sermões falavam de amor e perdão, e não de pecado, culpa e castigo. D. Josefa antipatizou com ele, que não sabia como lidar com seus estremecimentos de beata, de alma torturada por terrores tão pequenos e sem sentido. Mas Amélia, aos poucos, foi sentindo nele uma alma mais santa do que a dos padres que conhecera. Terminou por desabafar-se com ele no confessionário.

Capítulo 22

Certo dia, a Dionísia apareceu na casa de Amaro. Viera avisar que descobrira o paradeiro de João Eduardo: estava na Ricoça! Havia caído nas graças do Morgadinho dos Poiais, um furioso anti-clerical que tinha terras por ali e ficara sabendo, em Lisboa, da desgraça do rapaz. Resolveu contratá-lo como mestre dos seus filhos, para irritar a padraria.

Amaro dirigiu-se à Ricoça para avisar Amélia. Foi recebido friamente por ela. Percebeu que d. Josefa tratava muito mal a moça e ficou sabendo, por meio da velha, que o abade Ferrão vinha freqüentemente à propriedade. Interrogou Amélia, que confessou haver se confessado com o abade. Apesar de furioso, Amaro insistiu em seu amor por ela, que lhe afirmou querer distância dele, uma vez que agora estava pegada a Deus e disposta a esquecê-lo.

De fato, o abade pretendia afastar definitivamente Amélia do padre. Conheceu João Eduardo, achou que ele era uma boa alma e começou a trabalhar para aproximá-lo de Amélia que, portanto, sabia da presença do ex-noivo antes do aviso de Amaro. A intenção inicial do abade Ferrão era dirigir Amélia para a vida religiosa, mas percebeu que os impulsos sensuais da moça frustrariam seu plano. Então passou a conversar com ela, mostrando-lhe o pecado e a infelicidade que advinha de seu relacionamento com Amaro. Aos poucos, a rapariga foi sendo convencida. A idéia de reatar com João Eduardo não lhe parecia má, e dedicava-se a esquecer o padre.

A princípio, Amaro se irritou com o afastamento de Amélia. Voltou várias vezes à Ricoça, sob o pretexto de confessar d. Josefa, que não se acertava com o abade Ferrão. Certa vez, enfrentou-o; o abade, no calor da conversa, insinuou que sabia de tudo, e Amaro acuou-o: estaria o abade revelando um segredo de confissão? Ferrão teve de ceder. Amaro insistiu com Amélia, escreveu-lhe cartas, mas de nada adiantavam seus esforços. Decidiu então mudar de atitudes. Afastou-se dela e foi passear uns dias em Vieira, com o cônego Dias.

Por esse tempo, o doutor Gouveia passou a freqüentar a Ricoça para cuidar de d. Josefa. Como se relacionasse bem com o abade e como fosse já impossível disfarçar, descobriu a gravidez de Amélia e prontificou-se para o parto. Mas quem estaria a postos seria Dionísia, que lá aparecia de vez em quando. Por meio dela, Amélia soube da viagem de Amaro e ficou enciumada.

O abade Ferrão caiu doente, de reumatismo, o que deixou o caminho livre para Amaro quando voltou da praia, todo moreno e bem vestido. Fingiu desinteresse por Amélia, que acabou por se atirar novamente nos braços dele. Quando o abade se restabeleceu de sua convalescença, voltou elogiando muito a dedicação de João Eduardo a ele durante a doença, mas a moça já demonstrava indecisão quanto ao reatamento com o antigo noivo.

Capítulo 23

Amaro recebeu uma carta do cônego, dizendo que a S. Joaneira insistia em voltar para Leiria e perguntando se Amaro já decidira o destino que daria ao *fruto*. O padre recorreu à Dionísia, que indicou duas mulheres para criar o *fruto*: uma muito boa, Joana Carreira, mas que morava justamente nos Poiais, ao

pé da Ricoça. Outra, a Carlota, morava longe, na Barrosa, mas era uma tecedeira de anjos: todas as crianças sob sua responsabilidade morriam misteriosamente. Amaro fica indignado, mas vai visitar a tal mulher e fala com ela e o marido, um anão mal encarado, da possibilidade de eles adotarem a criança.

Amaro visitava constantemente Amélia, para evitar que ela conversasse com o abade Ferrão. Ela resistia à idéia de entregar a criança, por isso animava o padre quanto à idéia de se casar com João Eduardo, que passou a passear à janela da Ricoça, onde sempre estava a moça.

Enquanto isso, o padre hesitava quanto ao destino da criança. Tinha medo de que, crescendo, o menino se parecesse com ele e descobrissem o caso. Mas entregá-la a uma tecedeira de anjos?! O Libaninho apareceu trazendo fofocas: o chantre falava de um grande escândalo envolvendo um eclesiástico. Amaro se assustou e decidiu entregar a criança a Carlota. Sonhava que ela nascesse morta, sonhava mesmo que a própria Amélia morresse ao parto. Assim ele poderia retomar uma vida limpa na sua igreja.

Enfim, nasceu a criança. Dionísia entregou-a, no quintal, a Amaro que, com a criança nos braços, enterneceu-se e hesitou em entregá-la à Carlota, mas não havia outro remédio. Era noite alta e ele não tinha outro destino para o bebê. Amélia queria ver o filho. O doutor Gouveia tentou distraí-la, ela insistiu e começou a passar mal. O doutor aplicou-lhe uma sangria. Foi inútil. Alguns momentos depois o abade Ferrão foi chamado pelo doutor para ministrar o último sacramento à moça.

Capítulo 24

Na manhã seguinte, Amaro esperou ansioso por Dionísia, que não apareceu. Foi até a igreja realizar um batizado. Quando voltou, estava lá a Dionísia, que lhe deu a notícia da morte de Amélia. Amaro ficou desesperado e lembrou-se da criança. Correu para a casa de Carlota, mas quando lá chegou, já encontrou o bebê morto. De volta à cidade, o padre dirigiu-se ao paço do Bispo. Não queria mais saber daquela cidade. Na tarde daquele mesmo dia, partiu para Lisboa, deixando uma carta para o cônego Dias. Amélia foi enterrada na manhã do dia seguinte, debaixo de uma chuva miúda e fria. João Eduardo acompanhou o enterro; chorava muito por todo o caminho.

Capítulo 25

Naqueles fins de maio de 1871, Lisboa era um grande alvoroço. A cidade repercutia vivamente, na inquietação do povo as notícias dos jornais sobre as desordens da Comuna de Paris. No meio dessa agitação, encontraram-se por acaso o cônego Dias e o padre Amaro. Aquele viera a Lisboa por causa de uma demanda por terras; este para conseguir, por meio do conde de Ribamar, uma transferência de Santo Tirso para Vila Franca.

Amaro pediu notícias de Leiria. A S. Joaneira andava adoentada. Pilharam o Libaninho fazendo indecências com um sargento. De João Eduardo, dizia-se que estava tísico. A Dionísia abrira uma casa de prostituição. Os demais iam todos na mesma. Durante um instante, recordaram-se com saudade dos bons momentos que haviam vivido juntos em Leiria. Amaro contou ao cônego que chegou a pensar que não conseguiria resistir aos acontecimentos, mas que o tempo tudo curara.

Passaram duas senhoras que atraíram a atenção dos padres. Mais adiante, toparam com o conde de Ribamar e começaram a comentar as notícias dos acontecimentos na França. O conde era de opinião que, sufocada a rebelião, restaurar-se-ia o império na França. Perguntaram-lhe então se Portugal não corria o risco de enfrentar uma revolta daquelas, eivada de idéias de materialismo e República.

O conde riu; (...) caminhando entre os dois padres, até quase junto das grades que cercam a estátua de Luís de Camões: (...).

Tinha-se encostado quase às grades da estátua, e tomando uma atitude de confiança:

– A verdade, meus senhores, é que os estrangeiros invejam-nos... E o que vou a dizer não é para lisonjear a Vossas Senhorias; mas enquanto neste país houver sacerdotes respeitáveis como Vossas Senhorias, Portugal há de manter com dignidade o seu lugar na Europa! Porque a Fé, meus senhores, é a base da ordem!

– Sem dúvida, senhor conde, sem dúvida – disseram com força os dois sacerdotes.

– Senão, vejam Vossas Senhorias isto! Que paz, que animação, que prosperidade!

– E com um grande gesto mostrava-lhes o Largo do Loreto, que àquela hora, num fim de tarde serena, concentrava a vida da cidade. Tipóias vazias rodavam devagar; pares de senhoras passavam, de cuia cheia e tacão alto, com os movimentos derreados, a palidez clorótica duma degeneração de raça; nalguma magra pileca, ia trotando algum moço de nome histórico, com a face ainda esverdeada da noitada de vinho; pelos bancos de praça gente estirava-se num torpor de vadiagem; um carro de bois, aos solavancos sobre as suas altas rodas, era como o símbolo de agriculturas atrasadas de séculos; fadistas gingavam, de cigarro nos dentes; algum burguês enfastiado lia nos cartazes o anúncio de operetas obsoletas; nas faces enfezadas de operários havia como a personificação das indústrias moribundas... E todo esse mundo decrépito se movia lentamente, sob um céu lustroso de clima rico, entre garotos apregoando a loteria e a batota pública, e rapazitos de voz plangente oferecendo o *Jornal das pequenas novidades*; e iam, num vagar madraço. Entre o largo onde se erguiam duas fachadas tristes de igreja e o renque comprido das casarias da praça onde brilhavam três tabuletas de casas de penhores, negrejavam quatro entradas de taberna e desembocavam, com um tom sujo de esgoto aberto, as vielas de todo um bairro de prostituição e de crime.

– Vejam – ia dizendo o conde –, vejam toda esta paz, esta prosperidade, este contentamento... Meus senhores, não admira realmente que sejamos a inveja da Europa!

E o homem de Estado, os dois homens de religião, todos três em linha, junto às grades do monumento, gozavam de cabeça alta essa certeza gloriosa da grandeza do seu país – ali ao pé daquele pedestal, sob o frio olhar de bronze do velho poeta, ereto e nobre, com os seus largos ombros de cavaleiro forte, a epopéia sobre o coração, a espada firme, cercado de cronistas e dos poetas heróicos da antiga pátria – pátria para sempre passada, memória quase perdida!

Foco narrativo

O romance tem foco narrativo em terceira pessoa. O narrador é onisciente, apresentando com freqüência ao leitor os pensamentos e sentimentos dos personagens, em especial de Amaro e Amélia. Outras vezes, analisa esses pensamentos, sentimentos, bem como os atos dos personagens.

O narrador onisciente é o mais adequado às propostas da literatura realista-naturalista, uma vez que pode esquadrinhar os acontecimentos de todas as perspectivas possíveis, apresentando a realidade de forma minuciosa.

Personagens

Em *O crime do padre Amaro*, Eça de Queirós criou dezenas de personagens. A profusão de personagens também está de acordo com as diretrizes do romance realista-naturalista: quanto maior o seu número, mais a obra estará próxima de construir um painel fiel da realidade que aborda.

No caso da história de Amaro e Amélia, eles são necessários para construir um retrato exato da formação de Amaro (tão importante para provar as teorias naturalistas defendidas – influência do meio na personalidade, por exemplo), para compor o ambiente provinciano de Leiria e para apresentar de maneira ampla os vícios do clero português.

A seguir, uma breve apresentação dos principais personagens:

Padre Amaro Vieira

De origem pobre, órfão aos 6 anos, é criado na casa da marquesa de Alegros, onde seus pais foram empregados. Destinado pela protetora ao sacerdócio, pouco tempo após ser ordenado, consegue ser indicado, ainda muito jovem, para vigário de Leiria, sede de bispado, por ser protegido do conde de Ribamar (casado com uma das filhas da marquesa). Lá, conhece Amélia e os vícios da cleresia. A partir daí, é incapaz de reprimir sua sensualidade, sufocada desde a adolescência pelos votos religiosos a que está submetido. Realizado amorosamente e satisfeito pela posição confortável que a vida de padre lhe assegura, em uma cidade onde o poder do clero é evidente, Amaro terá sua vida abalada pela gravidez da amante. Mas seu caráter passivo e a superficialidade de sua religião lhe permitem superar o trauma. A proteção do conde arranjar-lhe-á um lugar cômodo para retomar sua carreira religiosa, perto de Lisboa.

Amélia

Filha única da S. Joaneira, solteira e bonita, órfã de pai, é criada rodeada pelos padres da cidade que freqüentam sua casa. Mesmo assim sua formação é cheia de histórias românticas ouvidas ao longo da infância e adolescência [1]. Daí sua admiração natural pelo clero, que se junta ao desejo sensual da primeira juventude e a dirigem fatalmente para os braços de Amaro.

Cônego Dias

Padre idoso e rico, foi professor de Moral no seminário em que estudou Amaro (evidente ironia de Eça de Queirós contra o clero); amante secreto da S. Joaneira; torna-se protetor e cúmplice de Amaro quando descobre a relação do ex-aluno com Amélia e que Amaro sabia de seu caso com a mãe da moça.

S. Joaneira

Viúva pobre, aluga para hóspedes quartos de sua casa, a qual era ponto de encontro dos padres e beatas de Leiria. Amante do cônego Dias, ele arranjará a sua casa como hospedaria para o padre recém-chegado à cidade. Parece ingênua e inocente, desconfiando tardiamente do comportamento adotado pela filha a partir do relacionamento com Amaro.

João Eduardo

Rapaz humilde, solteiro, escrevente de tabelião, aspirante a cargo público, apaixonado por Amélia, com quem chega a noivar. Perde-a para o padre Amaro, depois de tentar derrubar a roda de padres da Rua da Misericórdia com um "Comunicado" anônimo publicado em um jornal liberal de Leiria. Descoberto como autor do panfleto, é praticamente escorraçado da cidade. Ao final, com a vida recomposta, tenta aproximar-se de Amélia por meio do abade Ferrão, mas em vão: a amada morre no parto do filho de Amaro, ele sofre. Comenta-se ao final que estaria tuberculoso.

1 Há aqui uma crítica óbvia de Eça de Queirós ao Romantismo: a visão romântica que Amélia tem sobre as relações amorosas faz que ela coloque sua realização sentimental acima de tudo, enfrentando os riscos da relação com Amaro sem pestanejar, de maneira irresponsável. O resultado, como vimos, é catastrófico. A desastrosa educação romântica de Amélia antecipa a de outra famosíssima personagem queirosiana: a Luisinha de *O primo Basílio*.

D. Josefa

Irmã do cônego Dias, com quem mora; solteirona e beata.

D. Maria da Assunção

Beata rica de Leiria, coleciona todo tipo de imagens de santos e relíquias.

Irmãs Gansosos

Beatas, fazem parte da roda que se reúne na casa da S. Joaneira.

Libaninho

Beato fofoqueiro, descobre-se ao final da história que é homossexual.

Artur Couceiro

Cantor de modinhas que aparecia às vezes nas reuniões da S. Joaneira, animava os bingos com modinhas picantes (ao gosto do cônego Dias) e canções ultra-românticas (ao gosto das senhoras).

Brito

Padre estúpido e forte, tem por amante uma mulher casada. É expulso de Leiria depois que o "Comunicado" de João Eduardo revela o seu caso amoroso.

Natário

Padre facilmente irritável. A paixão de sua vida são as duas sobrinhas que criou. É quem descobre a autoria do "Comunicado" publicado contra os padres no jornal *A Voz do Distrito*.

Abade da Cortegaça

Vive para a gula e seus dotes de cozinheiro. Em sua casa acontece um almoço em que os padres expõem sua imoralidade, o desrespeito às idéias da Igreja e o desprezo aos pobres.

Silvério

Padre confessor da mulher do doutor Godinho, é quem revela a Natário o autor do "Comunicado", quebrando o segredo de confissão.

Tio Esguelhas

Sineiro da igreja, pai de Totó, cede sua casa para os encontros de Amaro com Amélia, que supõe terem finalidade religiosa.

Totó

Filha entrevada e meio demente do sineiro, apaixona-se por Amaro e odeia Amélia. Revela ao cônego Dias o romance dos dois.

Doutor Godinho

Político liberal, dono do jornal *A Voz do Distrito*; acaba por se mancomunar com os padres por interesse.

Agostinho Pinheiro

Caricatura de intelectual esquerdista, redator do jornal *A Voz do Distrito*, é primo de José Eduardo e convence-o a publicar o "Comunicado" contra os padres.

Carlos

Farmacêutico, diz-se "homem da ciência", mas considera a religião a base da ordem social.

Dr. Gouveia

Médico, ateu. Um dos dois personagens positivos da história: apesar de não ter religião, seus princípios são humanitários. Realiza o parto que resulta na morte de Amélia.

Abade Ferrão

O outro personagem positivo da história. Padre da Ricoça, presta auxílio espiritual à Amélia quando ela se refugia na região, tenta afastá-la de Amaro e reatá-la com João Eduardo, em vão. Padre que segue os verdadeiros preceitos cristãos, vive isolado da "panelinha" de Leiria e é desprezado pelos outros padres.

Dionísia

Empregada de Amaro, antiga concubina famosa na cidade, torna-se alcoviteira dos amores de Amaro e Amélia. Arranja para ele a "tecedeira de anjos". Ao final, ficamos sabendo que ela monta um prostíbulo.

Carlota

"Tecedeira de anjos" que dá um fim ao filho de Amaro com Amélia.

Morgadinho dos Poiais

Homem importante de Leiria, que tem propriedade próxima da Ricoça. Anticlerical, conhece João Eduardo e sua história em Lisboa e contrata-o para ser mestre de seus filhos.

Ruça

Empregada da casa de Amélia, acaba morrendo de tísica (tuberculose).

Espaço

O espaço principal da narrativa é Leiria, cidade do interior de Portugal, sede de bispado, habitada por um grande número de padres. Leiria é um microcosmo que representa um Portugal degradado e atrasado na Europa, severamente criticado por Eça de Queirós, que denuncia a estreiteza mental dos habitantes da cidade (por extensão, de Portugal), cujas vidas são governadas pelo clero hipócrita e imoral. Em Leiria (por extensão, em Portugal), reina a mediocridade provinciana: a vida gira em torno de fofocas, maledicências, bisbilhotices, futilidades, enfim, superficialismos. Na política, a igreja alia-se aos poderosos para preservar os seus interesses e manter o *status quo*.

Os ambientes de maior presença na narrativa são a casa da S. Joaneira (onde se inicia o relacionamento entre Amaro e Amélia); a igreja e a sacristia, com a casa do sineiro, o tio Esguelhas muito próximas (lá se realizarão os encontros amorosos do padre com a amante); a casa para onde Amaro se muda após deixar a S. Joaneira (onde o casal terá sua primeira relação sexual); algumas paisagens campestres ao redor da cidade – em particular a Ricoça, propriedade do cônego Dias, para onde Amélia vai ao final da narrativa, esconder sua gravidez, e onde morre tragicamente.

Outros espaços citados são:

Feirão – cidade em região montanhosa, pobre, atrasada, onde Amaro inicia sua carreira de padre e tem a primeira relação sexual.

Lisboa – aonde Amaro vai, em busca da proteção do conde de Ribamar para suas pretensões de abandonar Feirão; e para onde retorna, depois da desgraça ocorrida com Amélia.

Praia da Vieira – balneário de férias, freqüentado pelos habitantes de Leiria, em particular pelo cônego Dias, que para lá vai de dois em dois anos.

Tempo

A narrativa utiliza o tempo cronológico. Em muitos momentos, há o uso do *flash-back* para recuperar a história dos personagens (as histórias de Amaro e Amélia, por exemplo) ou acontecimentos importantes do passado (como o destino de João Eduardo após sua partida de Leiria até seu reaparecimento na casa do Morgadinho dos Poiais).

Estilo

Em qualquer estudo escolar sobre Eça de Queirós que você tenha lido até hoje, deve ter encontrado a afirmação de que ele é um dos maiores estilistas da língua portuguesa. O que exatamente significa isso? Significa que Eça de Queirós foi um dos mais importantes escritores portugueses do ponto de vista da qualidade da linguagem que utilizou. Suas obras influenciaram decisivamente a maneira de escrever em português de muitos que vieram depois dele, a quem devemos muito das capacidades de expressão da nossa língua. Mas de onde vem essa importância? Ela vem principalmente do fato de ele ter *modernizado* a língua portuguesa, se o compararmos com os escritores que vieram antes. Modernizado como e com que recursos? Isso podemos responder analisando algumas das técnicas estilísticas freqüentemente utilizadas por Eça de Queirós, e que já aparecem, às vezes mais, às vezes menos, em *O crime do padre Amaro*:

O descritivismo

Não se pode afirmar que o detalhismo nas descrições seja um traço apenas da linguagem queirosiana. Ele era quase uma exigência da estética realista: quanto mais minuciosa a descrição, mais fiel ela seria à realidade que retratava. Daí a preocupação, ao longo do romance, com descrever detalhadamente os ambientes (o espaço, a luminosidade, o mobiliário) e os caracteres físicos e psicológicos de muitos personagens (suas roupas, seus tiques nervosos etc.). Veja essa deliciosa descrição (com óbvias intenções humorísticas) do santuário de Dona Maria da Assunção:

A sala com efeito era toda ela uma imensa armazenagem de santaria e de *bric-à-brac* devoto; sobre as duas cômodas de pau-preto com fechaduras de cobre apinhavam-se, sobre redomas, em peanhas, as Nossas Senhoras vestidas de seda azul, os Meninos Jesus frisados com o ventrezinho gordo e a mão abençoadora, os Santo Antônios no seu burel, os São Sebastiões bem-frechados, os São Josés barbudos. Havia santos exóticos, que eram o seu orgulho, que lhe fabricavam em Alcobaça – São Pascoal Bailão, São Didático, São Crisolo, São Gorislano... Depois eram os bentinhos, os rosários de metal e de caroços de azeitonas, contas de cores, rendas amarelas de antigas alvas, corações de vidro escarlate, almofadinhas com J. M. entrelaçados a miçanga, ramos bentos, palmas de mártires, cartuchinhos de incenso. As paredes desapareciam forradas de estampas de Virgens de todas as devoções – equilibradas sobre o orbe, enrodilhadas aos pés da cruz, trespassadas de espadas. Corações de onde gotejava sangue, corações de onde saía uma fogueira, corações de onde dardejavam raios; orações encaixilhadas para as festas particularmente amadas: "o Casamento de Nossa Senhora, a Invenção da Santa Cruz, os Estigmas de São Francisco", sobretudo o "Parto da Santa Virgem", a mais devota, que vem pelas quatro têmporas. Sobre as mesas lamparinas acesas, para serem colocadas sem demora aos santos especiais, quando a boa senhora tivesse a sua ciática ou que o catarro se assanhasse, ou lhe viessem as cãibras. Ela mesma, só ela, arrumava, espanejava, lustrava toda aquela santa população celeste, aquele arsenal beato, que era apenas suficiente para a salvação da sua alma e o alívio dos seus achaques. O seu grande cuidado era a colocação dos santos; alterava-a constantemente, porque às vezes, por exemplo, sentia que Santo Eleutério não gostava de estar ao pé de São Justino, e ia então pendurá-lo a distância, numa companhia mais simpática ao santo. E distinguia-os (segundo os preceitos do ritual que o confessor lhe explicava), dando-lhes uma devoção graduada, e não tendo por São José de segunda classe o respeito que sentia por São José de primeira classe. Aquela riqueza era a inveja das amigas, a edificação dos curiosos, e fazia sempre dizer ao Libaninho, quando a vinha visitar, abrangendo a sala num olhar langoroso: "Ai, filha, é o Reininho dos Céus!".

As descrições detalhadas servem também para "revelar o que está encoberto". À medida que se aprofunda na descrição, o narrador vai retirando as "camadas de hipocrisia" que revestem as cenas e revelando a verdade que se esconde por trás delas. Veja isso acontecer na descrição desta cena em que Amaro reza uma missa cantada e Amélia o observa: o que parece ser um ato de entrega religiosa de Amaro é no fundo uma celebração de sua vaidade; o que deveria ser momento de oração para Amélia não passa de contemplação lúbrica do amado padre:

Amélia passou a sua missa embevecida, pasmada para o pároco, que era, como dizia o cônego, "um grande artista para missas cantadas"; todo o cabido, todas as senhoras o reconheciam. Que dignidade, que cavalheirismo nas saudações cerimoniosas aos diáconos! Como se prostrava bem diante do altar, aniquilado e escravizado, sentindo-se cinza, sentindo-se pó diante de Deus, que assiste de perto, cercado da sua corte e da sua família celeste! Mas era sobretudo admirável nas bênçãos; passava devagar as mãos sobre o altar como para apanhar, recolher a Graça que ali caía do Cristo presente, e atirava-a depois com um gesto largo de caridade por toda a nave, por sobre o estendal de lenços brancos de cabeça, até o fundo, onde os homens do campo muito apertados, de varapau na mão, pasmavam para a cintilação do sacrário! Era então que Amélia o amava mais, pensando que aquelas mãos abençoadoras lhas apertava ela com paixão por baixo da mesa do quino; aquela voz, com que ele lhe chamava filhinha, recitava agora as orações inefáveis, e parecia-lhe melhor que o gemer das rabecas, revolvia-a mais que os graves do órgão! Imaginava com orgulho que todas as senhoras decerto o admiravam também; mas só tinha ciúmes, um ciúme de devota que sente os encantos do Céu, quando ele ficava diante do altar, na posição estática que manda o ritual, tão imóvel como se a sua alma se tivesse remontado longe, para as alturas, para o Eterno e para o Insensível. Preferia-o, por o sentir mais humano e mais acessível, quando, durante o *Kyrie* ou a leitura da Epístola, ele se sentava com os diáconos no banco de damasco vermelho; ela queria então atrair-lhe um olhar; mas o senhor pároco permanecia de olhos baixos, numa compostura modesta.

Amélia, sentada sobre os calcanhares, com a face banhada num sorriso, admirava-lhe o perfil, a cabeça bem-feita, os paramentos dourados – e lembrava-se quando o vira a primeira vez descendo a escada da Rua da Misericórdia, com o seu cigarro na mão. Que romance se passara desde essa noite! Recordava o Morenal, o salto do valado, a cena da morte da titia, aquele beijo ao pé da lareira... Ai, como acabaria tudo aquilo? Queria então rezar; folheava o livro, mas vinha-lhe à idéia o que o Libaninho nessa manhã dissera: "O senhor pároco tinha uma pelezinha tão branca como um arcanjo..." Devia-a ter decerto muito delicada, muito tenra... Um desejo intenso queimava-a; imaginava que era uma tentadora visitação do Demônio – e para a repelir arregalava os olhos para o sacrário e para o trono que o padre Amaro, cercado dos diáconos, incensava em semicírculos significando a Eternidade dos Louvores, enquanto o coro berrava o Ofertório... Depois ele mesmo, de pé, no segundo degrau do altar, de mãos postas, foi incensado; o Pimenta vesgo fazia ranger galhardamente as correntes de prata do turíbulo; um perfume de incenso derramava-se, como uma anunciação celeste; enevoava-se o sacrário sob os rolos alvos de fumo; e o pároco aparecia a Amélia transfigurado, quase divinizado!... Oh, adorava-o então!

A igreja tremia ao clamor do órgão em pleno; de bocas abertas, os coristas solfejavam a toda força; em cima, alçando-se entre os braços dos rabecões, o mestre da capela, no fogo da execução, brandia desesperadamente a sua batuta feita de um rolo de cantochão.

O impressionismo

O estilo impressionista, considerado na literatura, pode ser entendido como uma forma de manifestação artística que ocorreu na escola realista. Consistia em manifestar as sensações (ou impressões) tal como elas eram instantaneamente sentidas pelo espírito. No caso de Eça, podemos afirmar que o seu impressionismo

se realiza na coincidência freqüente entre o estado de espírito das personagens com o espaço onde elas estão. Veja, por exemplo, esta descrição de Amaro em sua nova casa, após se mudar do quartinho da S. Joaneira:

A casa era na Rua das Sousas, de um andar, muito velha, com a madeira carunchosa; a mobília, como disse o cônego, "podia passar a veteranos"; algumas litografias desbotadas pendiam lugubremente de grandes pregos negros; e o imundo major Nunes deixara os vidros quebrados, os soalhos todos escarrados, as paredes riscadas de fósforos, e até sobre um poial da janela duas peúgas quase negras.

(...)

Quando Amaro, nessa noite, se viu só naquela casa tristonha, sentiu uma melancolia tão pungente e um tédio tão negro da vida que, com a sua natureza lassa, teve vontade de se encolher a um canto e ficar ali a morrer!

Parava no meio do quarto, punha-se a olhar em redor; a cama era de ferro, pequena, com um colchão duro e uma coberta vermelha; o espelho com o aço gasto luzia sobre a mesa; como não havia lavatório, a bacia e o jarro, com um bocadinho de sabonete, estavam sobre o poial da janela; tudo ali cheirava a mofo; e fora, na rua negra, caía sem cessar a chuva triste. Que existência! E seria sempre assim!...

A caricatura

A caricatura é a descrição com exagero de determinados traços físicos e/ou psicológicos de algum personagem. A caricatura geralmente é feita em poucas linhas. Por meio dela é possível conseguir um efeito de humor ou crítica (no caso de o personagem representar alguém ou alguma coisa característicos). Veja um exemplo na descrição do Agostinho Pinheiro, o redator da *Voz do Distrito*:

O redator da *Voz do Distrito*, o Agostinho Pinheiro, era ainda seu parente. Chamavam-lhe geralmente o "Raquítico", por ter uma forte corcunda no ombro e uma figurinha enfezada de héctico. Era extremamente sujo; e a sua carita de fêmea, amarelada, de olhos depravados, revelava vícios antigos, muito torpes. Tinha feito (dizia-se em Leiria) toda a sorte de maroteira. E ouvira tantas vezes exclamar: "Se você não fosse um raquítico, quebrava-lhe os ossos", que, vendo na sua corcunda uma proteção suficiente, ganhara um descaro sereno. Era de Lisboa, o que o tornava mais suspeito aos burgueses sérios; atribuía-se a sua voz rouca e acre "a faltar-lhes as campainhas"; e os seus dedos queimados terminavam em unhas muito compridas – porque tocava guitarra.

O humor: a ironia

O humor é uma das armas de Eça de Queirós para martelar o provincianismo e o clero de Leiria. Escritor de uma ***ironia***[2] às vezes aguda, às vezes escancarada, uma das delícias de Eça são os seus "achados", como atribuir ao cônego Dias, mestre de Amaro, o cargo de professor de Moral no seminário, ou o final da descrição das filhas da marquesa de Alegros (negrito nosso): "As suas duas filhas, educadas no receio do Céu e nas preocupações da Moda, eram beatas e faziam o *chic* falando com igual fervor da humildade cristã e do último figurino de Bruxelas. Um jornalista de então dissera delas: '**pensam todos os dias na *toilette* com que hão de entrar no Paraíso**'".

2 Ironia – Figura de linguagem em que se diz uma coisa que significa o seu contrário; zombaria, sarcasmo.

O coloquialismo

Eça de Queirós, no seu tempo, foi um sopro renovador na linguagem utilizada pelos literatos portugueses, principalmente na sua segunda fase, de engajamento realista-naturalista. Trouxe para os seus romances a linguagem do cotidiano, trabalhando a naturalidade dos diálogos, valorizando a oralidade nas falas dos personagens. Termos e expressões estrangeiras ("barbarismos") eram registrados sem preconceito, para aproximar a língua escrita da efetivamente utilizada pelo público leitor. [3]

O uso do discurso indireto livre

No discurso indireto livre não há verbos de elocução ou sinais de pontuação que indiquem onde termina a fala do narrador e onde começa a fala do personagem. Esta última é inserida na narrativa e o leitor deve apreender, pelo contexto, onde começa uma e termina outra. Esse tipo de discurso parece deixar o texto mais ágil. É como se a narrativa estivesse sendo desenvolvida em forma de "fluxo de pensamento" do personagem. Veja um exemplo no trecho a seguir, em que se narra a primeira vez que Amélia vai à praia, em Vieira, com 15 anos:

Amélia tinha então quinze anos, mas era já alta e de bonitas formas. Foi uma alegria para ela a estação na Vieira! Nunca vira o mar; e não se fartava de estar sentada na areia, fascinada pela vasta água azul, muito mansa, cheia de sol; às vezes no horizonte passava um fumo delgado de paquete; a monótona e gemente cadência da vaga adormentava-a; e em redor o areal faiscava, a perder de vista, sob o céu azul-ferrete.

Como se lembrava bem! Logo pela manhã estava a pé. Era a hora do banho; as barracas de lona alinhavam-se ao comprido da praia; as senhoras, sentadas em cadeirinhas de pau, de sombrinhas abertas, olhavam o mar, palrando; os homens, de sapatos brancos, estendidos em esteiras, chupavam o cigarro, riscavam emblemas na areia; enquanto o poeta Carlos Alcoforado, muito fatal, muito olhado, passeava só, soturno, junto da vaga, seguido do seu terra-nova. Ela saía então da barraca com seu vestido de flanela azul, a toalha no braço, tiritando de susto e de frio; tinha-se persignado às escondidas e, toda trêmula, agarrada à mão do banheiro, escorregando na areia, entrava na água, rompendo a custo a maresia esverdeada que fervia em redor. A onda vinha espumando, ela mergulhava, e ficava aos saltos, sufocada e nervosa, cuspindo a água salgada. Mas, quando saía do mar, como vinha satisfeita!

3 Pode parecer que o uso abusivo de termos em latim ao longo da narrativa vai na contramão deste comentário, mas entenda-se que o registro desses termos tem a intenção de ser fiel ao vocabulário empregado pelos padres. Muitas vezes, inclusive, ocorre um efeito irônico: o uso esculachado do latim por parte dos padres contraria a solenidade que ele deveria trazer às cerimônias religiosas; outras vezes ele é empregado em situações banais, fora de contexto.

Análise da obra

Realismo-Naturalismo

Apesar de se ter o hábito de estabelecer diferenças nítidas entre "Realismo" e "Naturalismo", na prática nem sempre é possível classificar algumas obras como pertencentes estritamente a uma ou outra escola literária. Tal é o caso de *O crime do padre Amaro*.

O livro de Eça de Queirós é um típico "romance de tese" realista. Sua intenção é demonstrar a influência nefasta do clero português na vida do país. Com a história de Amaro, Eça defende a idéia de que a ação do clero contribui para reforçar a mentalidade provinciana e o atraso da sociedade portuguesa; as relações espúrias entre Igreja e Estado impedem o progresso.

Para provar sua tese, Eça parte do ataque ao celibato clerical, que impede os padres de se casarem e realizarem sua sexualidade. Para isso, apóia-se nas teorias do Determinismo naturalista. O *meio* em que Amélia e Amaro cresceram foi o responsável pela conformação de suas personalidades. Amaro, criado entre mulheres, depois afastado delas, buscará, assim que possível, saciar sua carência e satisfazer seus desejos sexuais reprimidos durante a adolescência. Amélia, criada entre padres e desenvolvendo por eles uma admiração e atração naturais, conhece Amaro no auge de sua carência feminina, daí transferir para ele sua adoração e a ele se entregar, em busca do amor que seu corpo tanto pede. São forças da natureza e do meio, mais fortes do que a moral religiosa. Contê-las é impossível. Desse ponto de vista, Amaro e Amélia são também "vítimas", arrastados pelas suas "necessidades sanguíneas" a um destino implacável.

O anticlericalismo

Como dissemos, a intenção de Eça com esse livro é compor um painel da influência devastadora da Igreja sobre a sociedade portuguesa. Em várias passagens do livro, essa visão negativa do clero aparece, haja vista que os padres são ridicularizados ao extremo. Vejamos alguns exemplos.

A crítica mais óbvia à Igreja aparece na demonstração da impossibilidade do celibato clerical. Particularmente no que se refere ao comportamento sexual do clero, há uma distância absurda entre a pregação e a prática religiosa. O cônego Dias, professor de Moral, é amante da S. Joaneira; o padre Brito também tem a sua amante. Amaro, assim que sai do seminário, perde a virgindade com uma camponesa da Serra. Ao encontrar Amélia, delicia-se com os indecentes *Cânticos de Jesus*, cuja leitura recomenda para a moça que tenta seduzir. Para isso, não pensa duas vezes em se valer do seu *status* de sacerdote, para aparecer como um homem extraordinário perante Amélia.

As acusações mais graves, porém, não se resumem à questão amorosa. Os padres desrespeitam princípios sagrados para preservar seus interesses mais mesquinhos. Natário aproxima-se de um desafeto (veja só: desafeto entre "irmãos"...), o Silvério, para descobrir o autor do "Comunicado". Desrespeita-se com uma facilidade espantosa um sacramento sagrado, a confissão, a qual aliás já fora ridicularizada por alguns dos cleros de Leiria no jantar na casa do abade de Cortegassa, logo ao início da narrativa, quando se demonstra o uso político da confissão: ela é um meio que o clero utiliza para controlar a vida do povo.

O povo não é bem visto pelos padres, que dele fogem, como se vê na discussão travada durante esse mesmo jantar, e logo após ele, quando o padre Natário, durante o passeio, esbraveja contra um homem humilde, pobre e velho, com quem tromba pelo caminho.

A crítica mais ácida de Eça é a esse envolvimento promíscuo entre Igreja e Estado. Ela já aparece logo de início, quando Amaro se socorre da filha da marquesa de Alegros e do seu esposo, o conde de Ribamar, para conseguir, do ministro da justiça, sua transferência para uma paróquia mais prestigiosa que a de Feirão. Antes

mesmo de definida a transferência, Amaro assiste a uma discussão em que o ministro da justiça defende o uso político-eleitoral do clero, que serviria como "freio" do povo. A história do "milagre da santa" (uma carta forjada por Natário e enviada à sua igreja, em que uma santa pedia votos, às vésperas da eleição, para um candidato da preferência do padre) revela que os padres simplesmente não tinham limites na manipulação religiosa do povo para fins políticos. Todas essas passagens confirmam o que afirmamos: a relação promíscua entre Igreja e Estado, a qual interessa a ambos, uma vez que serve à manutenção do *status quo*, em que são privilegiados.

As conseqüências dessa aliança estão expostas de maneira ácida na última cena da narrativa (que você pode reler no resumo apresentado anteriormente). Amaro, Dias e o conde Ribamar conversam debaixo da estátua de Camões, que domina com sua majestade o Largo do Loreto em Lisboa. Camões, que cantou a glória portuguesa em *Os Lusíadas*, representa um passado definitivamente sepultado, mas que ainda alimenta a ilusão e o orgulho dos portugueses. O conde acabou de comentar que, graças aos homens de religião em Portugal ("a Fé, meus senhores, é a base da ordem!"), o país nunca passaria pelos transtornos que a França enfrentava com a Comuna de Paris, e logo depois, "com um grande gesto" que abarcava a paisagem do Largo do Loreto, mostrou aos padres a "paz, animação e prosperidade" do país. "O homem de Estado, os dois homens de religião, todos três em linha, junto às grades do monumento, gozavam de cabeça alta esta certeza gloriosa da grandeza do seu país". No entanto, o que se revela na paisagem descrita pelo narrador é o atraso, a decadência, o "mundo decrépito" em que se transformou Portugal.

Biografia & obras

José Maria Eça de Queirós nasceu em 25 de novembro de 1845, em Póvoa do Varzim, perto do Porto. Cursou Direito em Coimbra, à época da chamada *Questão Coimbrã* (1865), mas não chegou a participar da polêmica em que intelectuais como Antero de Quental e Teófilo Braga – jovens ativistas da estética realista – debateram contra Antônio Feliciano de Castilho, poeta e professor da universidade, que condenava a nova estética. Em 1866, já formado, Eça de Queirós começou sua atividade de jornalista. Em 1871, ao lado de alguns dos participantes da polêmica *Questão Coimbrã* (também conhecida como *Questão do Bom Senso e do Bom Gosto*) e de outros colegas, tomou parte na fundação do *Cenáculo*, grupo liderado por Antero de Quental, que se reunia para discutir assuntos relativos à filosofia, à arte, à história de Portugal. Esse grupo realizou, em 1871, as *Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense*, onde se discutiram (enquanto a polícia permitiu, pois logo as conferências foram proibidas) a sociedade e a história portuguesas à luz das modernas idéias que corriam pela Europa. Em 1872 entrou para o serviço diplomático e foi para Cuba; em 1874 passou a servir em Londres; em 1889 mudou-se para Paris, cidade que amava. Em 1900, durante viagem pela Europa com seu amigo Ramalho Ortigão, sentiu-se mal na Suíça e voltou para Paris, onde morreu a 16 de agosto.

A obra de Eça Queirós pode se dividir em três fases, de acordo com os críticos portugueses António José Saraiva e Óscar Lopes.

A **primeira fase** compreende seu trabalho jornalístico inicial, reunido depois de sua morte no livro *Prosas bárbaras*, e o romance escrito a quatro mãos com Ramalho Ortigão, *O mistério da estrada de Sintra* (1870). Há uma condenação do romantismo como ideal artístico e uma defesa da arte engajada, mas suas principais influências são ainda românticas.

A **segunda fase** é a de produção de suas obras mais combativas e populares. Influenciado pelo Realismo/Naturalismo, Eça compõe um grande retrato da sociedade portuguesa de sua época, onde analisa os defeitos das instituições e classes sociais que considerava responsáveis pelo atraso da sua pátria: o clero hipócrita e conservador, a aristocracia rural acomodada, a burguesia irresponsável e gananciosa, os meios intelectuais e artísticos artificiais e intrigantes. Pertence a essa fase o primeiro romance realista-naturalista em Portugal, *O crime do padre Amaro* (1875).

A **terceira fase** é de acomodação. Eça já não mais pretende sustentar tantas polêmicas com Portugal e dedica-se a escrever livros que, inclusive, são uma louvação às tradições e à paisagem portuguesa, como é o caso, principalmente, de *A cidade e as serras*. Do ponto de vista estilístico, observa-se muito mais em suas obras dessa terceira fase uma tendência para o Impressionismo que para o Realismo-Naturalismo.

O crime do padre Amaro, livro da segunda fase do escritor, pertence a um ciclo de obras que foi projetado pelo autor – mas nunca oficialmente iniciado e efetivamente terminado – que seriam as *Cenas da vida portuguesa*, cuja ambição, nas palavras do próprio autor, era "pintar a sociedade portuguesa (...) e mostrar-lhes como num espelho, que triste país eles formam, – eles e elas." *O crime do padre Amaro*, como parte destas *Cenas*, deveria tratar da influência nefasta da igreja sobre a vida do país e do atraso provinciano da sociedade portuguesa.

Nesse projeto de Eça de Queirós, podemos ver muito claramente a figura do escritor realista empenhado em entender a realidade de seu tempo e agir sobre a sociedade em que vive. De fato, Eça era um adepto do Realismo com muitas influências naturalistas na sua maneira de compor, o que equivale a afirmar, no caso de *O crime do padre Amaro*, que, se há um problema (o atraso social e mental do país), ele deve ser mostrado apontando suas causas: o poder do clero associado à imoralidade e à hipocrisia; a falta de perspectivas e de objetivos da vida provinciana; a sociedade superficial e fútil; a educação romântica e desprezível dos jovens.

Trechos para leitura

A) O primeiro beijo [Capítulo 7]

Amaro não os quis acompanhar até a fazenda. Ao fim da aldeia, no cruzeiro, tomou pelo caminho de Sobros, voltou para Leiria.

– Olhe que é uma légua à cidade – dizia o abade. – Eu mando-lhe aparelhar a égua, colega.

– Qual história, abade, a perninha é rija! – e, traçando alegremente a capa, partiu cantarolando o *Adeus*...

Ao pé da Cortegaça o atalho de Sobros alarga-se, ao comprido de um muro de quinta coberto de musgos e eriçado no alto de luzidios fundos de garrafas. Quando Amaro chegou próximo ao portão de carros, baixo e pintado de vermelho, encontrou no meio do caminho, parada, uma grande vaca malhada; Amaro, divertido, espicaçou-a com o guarda-chuva; a vaca trotou balouçando a papeira, e Amaro ao voltar-se viu Amélia, ao portão, que saudava, dizendo toda risonha:

– Então está-me a espantar o gado, senhor pároco?

– É a menina! Que milagre é este?

Ela fez-se um pouco vermelha:

– Vim à quinta com a dona Maria da Assunção. Vim dar uma vista de olhos à fazenda.

Ao pé de Amélia uma rapariga acamava couves numa canastra.

– Então esta é que é a quinta da dona Maria?

E Amaro deu um passo para dentro do portão.

Uma rua larga de velhos sobreiros, dando uma sombra doce, estendia-se até a casa que se entrevia no fundo, branquejando ao sol.

– É. A nossa fazenda fica do outro lado, mas entra-se também por aqui. Vá, Joana, avia-te!

A rapariga pôs a canastra à cabeça, deu as boas-tardes, meteu pelo caminho de Sobros, batendo muito os quadris.

– Sim, senhor! sim, senhor! Parece uma boa propriedade...– considerava o pároco.

– Venha ver a nossa fazenda! – disse Amélia. – É uma migalhinha de terra, mais para fazer uma idéia. Vai-se por aqui mesmo... Olhe, vamos ter lá baixo com a dona Maria, quer?

– Valeu. Vamos lá à dona Maria – disse Amaro.

Foram subindo a rua dos sobreiros, calados. O chão estava cheio de folhas secas, e, entre os troncos espaçados, moitas de hortênsias pendiam abatidas, amareladas dos chuveiros; ao fundo a casa baixa, velha, de um andar só, assentava pesadamente. Ao longo da parede grandes abóboras amadureciam ao sol, e no telhado, todo negro do inverno, esvoaçavam pombos. Por trás o laranjal formava uma massa de folhagens verde-escuras; uma nora chiava monotonamente.

Um rapazinho passou com um balde de lavagem.

– Para onde foi a senhora, João? – perguntou Amélia.

– Foi pro olival – disse o rapaz com a sua vozinha arrastada.

O olival era longe, no fundo da quinta; havia ainda grandes lamas, não se podia ir lá sem tamancos.

– Vai-se a gente sujar toda – disse Amélia. – Deixar lá a dona Maria, hem? Vamos nós ver a quinta... Por aqui, senhor pároco...

Estavam defronte de um velho muro onde cresciam clematites. Amélia abriu uma porta verde; e por três degraus de pedra desconjuntados desceram a uma rua toldada por uma larga parreira. Junto do muro cresciam rosas de todo o ano; do outro lado, por entre os pilares de pedra que sustentavam a latada e os pés torcidos das cepas, via-se, batido de luz, com tons

amarelados, um grande campo de ervas; os tetos baixos do curral coberto de colmo destacavam ao longe em escuro, e desse lado um fumozinho leve e branco perdia-se no ar muito azul.

Amélia a cada momento parava, explicava a quinta.

– Ali ia semear-se cevada; além havia de ver o cebolinho, estava muito bonito...

– Ah! a dona Maria da Assunção traz isto muito bem-tratado!

Amaro ouvia-a falar, com a cabeça baixa, olhando-a de lado; a sua voz naquele silêncio dos campos parecia-lhe mais rica, mais doce; o grande ar dava-lhe uma cor mais picante às faces; o seu olhar rebrilhava. Para saltar umas lamas tinha apanhado o vestido; e a brancura da meia, que ele entreviu, perturbou-o como um começo da sua nudez.

Ao fundo da parreira atravessaram um campo ao comprido de um regueiro. Amélia riu muito do pároco, que tinha medo de sapos. Ele então exagerou os seus sustos. "Ó menina Amélia, haveria víboras?" E roçava-se por ela, afastando-se das ervas altas.

– Vê aquele valado? Pois para o lado de lá é a nossa fazenda. Entra-se pela cancela, vê? Mas veja lá se está cansado! Que o senhor parece-me que não é grande caminhador... Ai, um sapo!

Amaro deu um pulinho, tocou-lhe o ombro. Ela empurrou-o docemente, e com um riso cálido:

– Seu medroso! Seu medroso!

Estava toda contente, toda viva. Falava na "sua fazenda" com uma vaidadezinha, satisfeita de entender da lavoura, de ser proprietária.

– A cancela está fechada, parece – disse Amaro.

– Está – fez ela.– Apanhou as saias, deu uma carreirinha. Estava fechada! Que pena! E abalava, impaciente, as grades estreitas, entre as duas fortes ombreiras de madeira encravadas na espessura do silvado.

– Foi o caseiro que levou a chave!

Agachou-se, gritou para o lado do campo, arrastando muito tempo a voz:

– Antônio! Antônio!

Ninguém respondeu.

– Anda lá para o fundo da quinta! – disse ela. – Que seca! Se o senhor pároco quisesse, aqui adiante pode-se passar. Há uma abertura no valado, chamam-lhe o "salto da cabra". Pode a gente saltar para o outro lado.

E caminhando rente ao silvado, chapinhando a lama, toda alegre:

– Quando eu era pequena nunca passava pela cancela, saltava sempre por ali. E cada trambolhão, quando o chão estava resvaladio com a chuva! Era um vivo demônio, aqui onde me vê! Ninguém há de dizer, senhor pároco, hem? Ai? vou-me a fazer velha! – E voltando-se para ele, com um risinho onde luzia o esmalte dos dentes: – Não é verdade? Estou-me a fazer velha, hem?

Ele sorria: Custava-lhe falar. O sol, batendo-lhe nas costas, depois do vinho do abade, amolecia-o; e a figura dela, os seus ombros, os seus encontros davam-lhe um desejo contínuo e intenso.

– Aqui está o salto da cabra – disse Amélia parando.

Era uma abertura estreita no valado; a terra do outro lado, mais baixa, estava toda lamacenta. Via-se dali a fazenda da S. Joaneira; o campo plano estendia-se até um olival, com a erva fina muito estrelada de pequenos malmequeres brancos; uma vaca preta, de grandes malhas, pastava; e para além viam-se tetos aguçados de casais, onde voavam revoadas de pardais.

– E agora? – perguntou Amaro.

– Agora saltar – disse ela rindo.

– Cá vai! – exclamou ele.

Traçou a capa, saltou; mas escorregou nas ervas úmidas – e imediatamente Amélia, debruçando-se, rindo muito, com grandes acenos de mãos:

– E agora adeus, senhor pároco, que eu vou ter com a dona Maria. Aí fica preso na fazenda. Para cima não pode o senhor pular, pela cancela não pode o senhor passar! E o senhor pároco que está preso...

– Ó menina Amélia! Ó menina Amélia!

Ela cantarolava-lhe, escarnecendo:

Fico sozinha à varanda,

Que o meu bem está na prisão!

Aquelas maneirinhas excitavam o padre – e com os braços erguidos, a voz cálida:

– Salte, salte!

Ela então fez voz de mimo:

– Ai, tenho medinho! Tenho medinho...

– Salte, menina!

– Lá vai! – gritou ela bruscamente.

Saltou, foi cair-lhe sobre o peito com um gritinho. Amaro resvalou, firmou-se; sentindo entre os braços o corpo dela, apertou-a brutalmente e beijou-a com um furor no pescoço.

Amélia desprendeu-se, ficou diante dele, sufocada, com a face em brasa, compondo na cabeça e em roda do pescoço, com as mãos trêmulas, as pregas da manta de lã. Amaro disse-lhe:

– Ameliazinha!

Mas ela de repente apanhou os vestidos, correu ao comprido do valado. Amaro, com grandes passadas, seguiu-a atarantado. Quando chegou à cancela, Amélia falava ao caseiro, que aparecia com a chave.

Atravessaram o campo junto ao regueiro, depois a rua coberta com a parreira. Amélia adiante palrava com o caseiro; e atrás Amaro, de cabeça baixa, seguia muito murcho. Ao pé da casa Amélia parou, fazendo-se vermelha, compondo sempre a manta em redor do pescoço:

– Ó Antônio – disse – , ensine o portão ao senhor pároco. Muito boas tardes, senhor pároco.

E através das terras úmidas correu para o fundo da quinta, para os lados do olival.

A senhora dona Maria da Assunção ainda lá estava, sentada numa pedra, tagarelando com o tio Patrício; um bando de mulheres, com grandes varas, batiam em redor a ramagem das oliveiras.

– Que é isso, tonta? De onde vens tu a correr, rapariga? Credo, que doida!

– Vim a correr – disse ela toda vermelha, sufocada.

Sentou-se ao pé da velha; e ficou imóvel, com as mãos caídas no regaço, respirando fortemente, os beiços entreabertos, os olhos fixos numa abstração. Todo o seu ser se abismava numa só sensação:

– Gosta de mim! Gosta de mim!

Estava há muito namorada do padre Amaro – e às vezes, só, no seu quarto, desesperava-se por imaginar que ele não percebia nos seus olhos a confissão do seu amor! Desde os primeiros dias, apenas o ouvia pela manhã pedir debaixo o almoço, sentia uma alegria penetrar todo o seu ser sem razão, punha-se a cantarolar com uma volubilidade de pássaro. Depois via-o um pouco triste. Por quê? Não conhecia o seu passado; e, lembrada do frade de Évora, pensou que ele se fizera padre por um desgosto de amor. Idealizou-o então: supunha-lhe uma natureza muito terna, parecia-lhe que da sua pessoa airosa e pálida se desprendia uma fascinação. Desejou tê-lo por confessor; como seria bom estar ajoelhada aos pés dele, no confessionário, vendo de perto os seus olhos negros, sentindo a sua voz suave falar do Paraíso! Gostava muito da frescura da sua boca; fazia-se pálida à idéia de o poder abraçar na sua longa batina preta! Quando Amaro saía, ia ao quarto dele, beijava a travesseirinha, guardava os cabelos curtos que tinham ficado nos dentes do pente. As faces abrasavam-se-lhe quando o ouvia tocar a campainha.

Se Amaro jantava fora com o cônego Dias, estava todo o dia impertinente, ralhava com a Ruça, às vezes mesmo dizia mal dele "que era casmurro, que era tão novo que nem inspirava respeito". Quando ele falava de alguma nova confessada, amuava, com ciúme pueril. A sua

antiga devoção renascia, cheia de um fervor sentimental; sentia um vago amor físico pela Igreja; desejaria abraçar, com pequeninos beijos demorados, o altar, o órgão, o missal, os santos, o Céu, porque não os distinguia bem de Amaro, e pareciam-lhe dependências da sua pessoa. Lia o seu livro de missa pensando nele como no seu Deus particular. E Amaro não sabia, quando passeava agitado pelo quarto, que ela em cima o escutava, regulando as palpitações do seu coração pelas passadas dele, abraçando o travesseiro, toda desfalecida de desejos, dando beijos no ar, onde se lhe representavam os lábios do pároco!

B) Cônego Dias descobre o caso [Capítulo 18]

Tinha preparado uma história hábil para justificar a sua visita à paralítica; mas durante a sua conversação com o abade ela escapara-lhe, como tudo o que deixava um momento nos reservatórios da memória; e foi sem transição que disse simplesmente a Amélia:

– Vamos lá, também quero ir ver essa Totó!

Amélia ficou petrificada. E o senhor pároco, naturalmente, já lá estava! Mas sua madrinha Nossa Senhora das Dores, que ela invocou logo naquela aflição, não a deixou enleada no embaraço. E o cônego, que caminhava ao lado dela, ficou surpreendido ouvindo-lhe dizer com um risinho:

– Viva, hoje é o dia das visitas à Totó! O senhor pároco disse-me que também talvez hoje aparecesse por lá... Talvez lá esteja até.

– Ah! O amigo pároco também? Está bom, está bom. Faremos uma consulta à Totó!

Amélia então, contente da sua malícia, tagarelou sobre a Totó. O senhor cônego ia ver... Era uma criatura incompreensível... Ultimamente, ela não tinha querido contar em casa, mas a Totó tomara-lhe birra... E dizia coisas; tinha um modo de falar de cães e de animais, de arrepiar!... Ai, era um encargo que já lhe pesava... Que a rapariga não lhe escutava as lições, nem as orações, nem os conselhos... Era uma fera!

– O cheiro é desagradável!– rosnou o cônego entrando.

Que queria! A rapariga era uma porca, não havia tê-la arranjado. O pai, esse um desleixado também...

– É aqui, senhor cônego – disse, abrindo a porta da alcova, que, agora, em obediência às ordens do senhor pároco, o tio Esguelhas deixava sempre fechada.

Encontraram a Totó meio erguida sobre a cama, com a face acesa numa curiosidade, àquela voz do cônego que não conhecia.

– Ora viva lá a senhora Totó! – disse ele da porta, sem se aproximar.

– Vá, cumprimenta o senhor cônego – disse Amélia, começando logo, com uma caridade desacostumada, a compor a roupa da cama, a arrumar a alcova. – Dize-lhe como estás... Não te faças amuada!

Mas a Totó permaneceu tão muda como a imagem de São Bento que tinha à cabeceira, examinando muito aquele sacerdote tão gordo, tão grisalho, tão diferente do senhor pároco... E os seus olhos, mais brilhantes todos os dias à medida que se lhe cavavam as faces, iam, como de costume, do homem para Amélia, numa ansiedade de perceber por que o trazia ela ali, àquele velho obeso, e se ia também subir com ele para o quarto.

Amélia agora tremia. Se o senhor pároco entrasse, e ali, diante do cônego, a Totó, tomada do seu frenesi, rompesse aos gritos, tratando-os de cães!... Com o pretexto de dar uma arrumadela, foi à cozinha vigiar o pátio. Faria um sinal da janela, apenas Amaro aparecesse.

E o cônego, só na alcova da Totó, preparando-se para começar as suas observações, ia perguntar-lhe quantas eram as pessoas da Santíssima Trindade quando ela, adiantando a face, lhe disse numa voz sutil como um sopro:

– E o outro?

O cônego não compreendeu. Que falasse alto! Que era?

– O outro, o que vem com ela!

O cônego chegou-se, com a orelha dilatada de curiosidade:

– Que outro?

– O bonito. O que vai com ela pro quarto. O que a belisca...

Mas Amélia entrava; e a paralítica calou-se logo, repousada, com os olhos cerrados e respirando regaladamente como num alívio repentino de todo o seu sofrimento. O cônego, esse, imobilizado de assombro, permanecia na mesma postura, dobrado sobre a cama como para auscultar a Totó. Ergueu-se por fim, soprou como numa calma de agosto, sorveu de espaço uma pitada forte; e ficou com a caixa aberta entre os dedos, os olhos muito vermelhos cravados na colcha da Totó.

– Então, senhor cônego, que lhe parece cá a minha doente? – perguntou Amélia.

– Ele respondeu, sem a olhar:

– Sim senhor, muito bem... Vai bem... É esquisita... Pois é andar, é andar... Adeus...

Saiu, resmungando que tinha negócios, e voltou imediatamente à botica.

– Um copo de água! – exclamou, caindo em cheio sobre a cadeira.

O Carlos, que voltara, apressou-se, oferecendo flor de laranja, perguntando se Sua Excelência estava incomodado...

– Cansadote – disse.

Tomou o Popular de sobre a mesa, e ali ficou, sem se mexer, abismado nas colunas do periódico. O Carlos tentou falar da política do país, depois dos negócios da Espanha, depois dos perigos revolucionários que ameaçavam a Sociedade, depois da deficiência da administração do concelho de que era agora um adversário feroz... Debalde. Sua Excelência grunhia apenas monossílabos soturnos. E o Carlos, enfim, recolheu-se a um silêncio chocado, comparando, num desdém interior que lhe vincava de sarcasmo os cantos dos beiços, a obtusidade soturna daquele sacerdote à palavra inspirada de um Lacordaire e de um Malhão! Por isso o Materialismo em Leiria, em todo o Portugal, erguia a sua cabeça de hidra...

Batia uma hora na torre quando o cônego, que vigiava a praça pelo canto do olho, vendo passar Amélia, arremessou o jornal, saiu da botica sem dizer uma palavra e estugou o seu passo de obeso para a casa do tio Esguelhas. A Totó estremeceu de medo ao ver de novo aquela figura bojuda aparecer à porta da alcova. Mas o cônego riu-se para ela, chamou-lhe Totozinha, prometeu-lhe um pinto para bolos; e mesmo sentou-se aos pés da cama com um "ah!" regalado, dizendo: .

– Ora vamos nós agora conversar, amiguinha... Esta é que é a pernita doente, hem? Coitadita! Deixa que te hás de curar... Hei de pedir a Deus... Fica por minha conta.

Ela fazia-se ora toda branca ou toda vermelha, olhando aqui e além, inquieta, na perturbação que lhe dava aquele homem a sós com ela tão perto que lhe sentia o hálito forte.

– Então, ouve cá – disse ele chegando-se mais para ela, fazendo ranger o catre com o seu peso.- Ouve cá, quem é o outro? Quem é que vem com a Amélia?

Ela respondeu logo, atirando as palavras de um fôlego:

– É o bonito, é o magro, vêm ambos, sobem pro quarto, fecham-se por dentro; são como cães!

Os olhos do cônego injetaram-se para fora das órbitas:

– Mas quem é ele, como se chama? O teu pai que te disse?

– É o outro, é o pároco, o Amaro! – fez ela impaciente.

– E vão pro quarto, hem? Lá pra cima? E tu que ouves, tu que ouves? Dize tudo, pequena, dize tudo!

A paralítica então contou, com um furor que dava tons sibilantes à sua voz de tísica, como ambos entravam, e a vinham ver, e se roçavam um pelo outro, e abalavam para o quarto em cima, e estavam lá uma hora fechados...

Mas o cônego, com uma curiosidade lúbrica que lhe punha uma chama nos olhos mortiços, queria saber os detalhes torpes:

– E ouve lá, Totozinha, tu que ouves? Ouves ranger de cama?

Ela respondeu com a cabeça afirmativamente, toda pálida, os dentes cerrados.

– E olha, Totozinha, já os viste beijarem-se, abraçarem-se? Anda, dize, que te dou dois pintos.

Ela não descerrava os lábios; e sua face transtornada parecia ao cônego selvagem.

– Tu embirras com ela, não é verdade?

Ela fez que sim numa afirmação feroz de cabeça.

– E viste-os beliscarem-se?

– São como cães! – soltou ela por entre os dentes.

O cônego então endireitou-se; bufou outra vez com o seu grande sopro de encalmado, e coçou vivamente a coroa.

– Bem – disse, erguendo-se. – Adeus, pequena... Agasalha-te. Não te constipes...

Saiu; e ao fechar com força a porta exclamou alto:

– Isso é a infâmia das infâmias! Eu mato-o! Eu perco-me!

Esteve um momento considerando, e partiu para a Rua das Sousas de guarda-sol em riste, apressando a sua obesidade, com face apoplética de furor. No Largo da Sé, porém, parou a refletir ainda; e, rodando sobre os tacões, entrou na igreja. Ia tão levado que, esquecendo um hábito de quarenta anos, não dobrou o joelho ao Santíssimo. E arremessou-se para a sacristia – justamente quando o padre Amaro saía, calçando cuidadosamente as luvas pretas que usava agora sempre para agradar à Ameliazinha.

O aspecto descomposto do cônego assombrou-o.

– Que é isso, padre-mestre?

– O que é? – exclamou o cônego de golpe – é a maroteira das maroteiras! É a sua infâmia! É a sua infâmia!...

E emudeceu, sufocado de cólera.

Amaro, que se fizera muito pálido, balbuciou:

– Que está você a dizer, padre-mestre?

O cônego tomara fôlego:

– Não há padre-mestre! O senhor desencaminhou a rapariga! Isso é que é uma canalhice mestra!

O padre Amaro, então, franziu a testa como descontente de um gracejo:

– Que rapariga!? O senhor está a brincar...

Sorriu mesmo, afetando segurança; e os seus beiços brancos tremiam.

– Homem, eu vi! – berrou o cônego.

O pároco, subitamente aterrado, recuou:

– Viu!?

Imaginara num relance uma traição; o cônego escondido num recanto da casa do tio Esguelhas...

– Não vi, mas é como se visse! – continuou o cônego num tom tremendo. – Sei tudo. Venho de lá. Disse-mo Totó. Fecham-se no quarto horas e horas! Até se ouve embaixo ranger a cama! É uma ignomínia!

O pároco, vendo-se pilhado, teve, como um animal acossado e entalado a um canto, uma resistência de desespero.

– Diga-me uma coisa. O que é que o senhor tem com isso?

O cônego pulou.

– O que tenho!? O que tenho!? Pois o senhor ainda me fala nesse tom!? O que tenho é que vou daqui imediatamente dar parte de tudo ao senhor vigário-geral!

O padre Amaro, lívido, foi para ele com o punho fechado:

– Ah, seu maroto!

– Que é lá? Que é lá? – exclamou o cônego de guarda-sol erguido. – Você quer-me pôr as mãos?

O padre Amaro conteve-se; passou a mão sobre a testa em suor, com os olhos cerrados; e depois de um momento, falando com uma serenidade forçada:

– Ouça lá, senhor cônego Dias. Olhe que eu vi-o ao senhor uma vez na cama com a S. Joaneira...

– Mente! – mugiu o cônego.

– Vi, vi, vi! – afirmou o outro com furor. – Uma noite ao entrar em casa... O senhor estava em mangas de camisa, ela tinha-se erguido, estava a apertar o colete. Até o senhor me perguntou: "Quem está aí?" Vi, como estou a vê-lo agora. O senhor a dizer uma palavra, e eu a provar-lhe que o senhor vive há dez anos amigado com a S. Joaneira, à face de todo o clero! Ora aí tem!

O cônego, já antes esfalfado dos excessos do seu furor, ficou agora, àquelas palavras, como um boi atordoado. Só pôde dizer daí a pouco, muito murcho:

– Que traste você me sai!

O padre Amaro então, quase tranqüilo, certo do silêncio do cônego, disse com bonomia:

– Traste por quê? Diga-me lá! Traste por quê? Temos ambos culpas no cartório, eis aí está. E olhe que eu não fui perguntar, nem peitar a Totó... Foi muito naturalmente ao entrar em casa. E, se me vem agora com coisas de moral, isso faz-me rir. A moral é para a escola e para o sermão. Cá na vida eu faço isto, o senhor faz aquilo, os outros fazem o que podem. O padre-mestre que já tem idade agarra-se à velha, eu que sou novo arranjo-me com a pequena. É triste, mas que quer? É a natureza que manda. Somos homens. E como sacerdotes, para honra da classe, o que temos é fazer costas!

O cônego escutava-o, bamboleando a cabeça, na aceitação muda daquelas verdades. Tinha-se deixado cair numa cadeira, a descansar de tanta cólera inútil; e erguendo os olhos para Amaro:

– Mas você, homem, no começo da carreira!

– E você, padre-mestre, no fim da carreira!

Então riram ambos. Imediatamente cada um declarou retirar as palavras ofensivas que tinham dito; e apertaram-se gravemente a mão. Depois conversaram.

O cônego, o que o tinha enfurecido era ser lá com a pequena da casa. Se fosse com outra... até estimava! Mas a Ameliazinha!... Se a pobre mãe viesse a saber, estourava de desgosto.

– Mas a mãe escusa de saber! – exclamou Amaro. – Isso é entre nós, padre-mestre! Isso é segredo de morte! Nem a mãe sabe de nada, nem eu mesmo digo à pequena o que se passou hoje entre nós. As coisas ficam como estavam, e o mundo continua a rolar... Mas você, padre-mestre, tenha cuidado!... Nem uma palavra à S. Joaneira... Que não haja agora traição!

O cônego, com a mão sobre o peito, deu gravemente a sua palavra de honra de cavalheiro e de sacerdote que aquele segredo ficava para sempre sepultado no seu coração.

Então apertaram ainda uma outra vez afetuosamente a mão.

Mas a torre gemeu as três badaladas. Era a hora de jantar do cônego.

E ao sair, batendo nas costas de Amaro, fazendo luzir um olho de entendedor:

– Pois seu velhaco, tem dedo!

– Que quer você? Que diabo... Começa-se por brincadeira...

– Homem! – disse o cônego sentenciosamente – é o que a gente leva de melhor deste mundo.

– É verdade, padre-mestre, é verdade! É o que a gente leva de melhor deste mundo.

C) A morte de Amélia [Capítulo 23]

Então aquele silêncio da casa, onde só o som dos seus passos sobre o soalho da sala punha uma nota viva, começou a impressionar o velho. Abriu a porta devagarinho, escutou; mas o

quarto de Amélia era muito afastado, ao fim da casa, ao pé do terraço; não vinha de lá nem rumor nem luz. Recomeçou o seu passeio solitário na sala, numa tristeza indefinida que o ia invadindo. Desejaria bem ir ver também a doente; mas o seu caráter, o pudor sacerdotal não lhe permitiam aproximar-se sequer de uma mulher no leito, em trabalho de parto, a não ser que o perigo reclamasse os sacramentos. Outra hora mais longa, mais fúnebre, passou. Então, em pontas de pés, corando na escuridão daquela audácia, foi até o meio do corredor; agora, aterrado, sentia no quarto de Amélia um ruído confuso e surdo de pés movendo-se vivamente no soalho, como numa luta. Mas nem um ai, nem um grito. Recolheu à sala, e abrindo o seu Breviário começou a rezar. Sentiu os chinelos da Gertrudes passarem rapidamente, numa carreira. Ouviu uma porta a distância bater. Depois o arrastar no soalho de uma bacia de latão. E enfim o doutor apareceu.

A sua figura fez empalidecer o abade; vinha sem gravata, com o colarinho espedaçado; os botões do colete tinham saltado; e os punhos da camisa, voltados para trás, estavam todos manchados de sangue.

– Alguma coisa, doutor?

O doutor não respondeu, procurando rapidamente pela sala o seu estojo, com a face animada de um calor de batalha. Ia já sair com o estojo, mas lembrando-lhe a pergunta ansiosa do abade:

– Tem convulsões – disse.

O abade então deteve-o à porta, e muito grave, muito digno:

– Doutor, se há perigo, peço-lhe que se lembre... É uma alma cristã em agonia, e eu estou aqui.

– Certamente, certamente...

O abade tornou a ficar só, esperando. Tudo dormia na Ricoça: dona Josefa, os caseiros, a quinta, os campos em redor. Na sala, um relógio de parede, enorme e sinistro, que tinha no mostrador a carranca do sol e em cima sobre o caixilho a figura esculpida em pau de uma coruja pensativa, um móvel de castelo antigo. Bateu meia-noite, depois uma hora. O abade a cada momento ia até o meio do corredor; era o mesmo rumor de pés numa luta; outras vezes um silêncio tenebroso. Voltava então para o seu Breviário. Meditava naquela pobre rapariga que, além no quarto, estava talvez no momento que ia decidir da sua eternidade; não tinha ao pé nem a mãe, nem as amigas; na memória apavorada devia passar-lhe a visão do pecado; diante dos olhos turvos aparecia-lhe a face triste do Senhor ofendido; as dores contorciam o seu corpo miserável; e, na escuridão em que ia penetrando, sentia já o hálito ardente da aproximação de Satanás. Temeroso fim do tempo e da carne! Então rezava fervorosamente por ela.

Mas depois pensava no outro que fora uma metade do seu pecado, e que agora na cidade, estirado na cama, ressonava tranqüilamente. E rezava então também por ele.

Tinha sobre o Breviário um pequeno crucifixo. E contemplava-o com amor; abismava-se enternecido na certeza da sua força, contra a qual era bem pouca a ciência do doutor e todas as vaidades da razão! Filosofias, idéias, glórias profanas, gerações e impérios passam; são como os suspiros efêmeros do esforço humano; só ela permanece e permanecerá, a Cruz – esperança dos homens, confiança dos desesperados, amparo dos frágeis, asilo dos vencidos, força maior da humanidade: *crux triumphus adversus daemonios, crux oppugnatorum murus*...

Então o doutor entrou, muito escarlate, vibrante daquela tremenda batalha que estava dando lá dentro à morte; vinha buscar outro frasco; mas abriu a janela, sem uma palavra, para respirar um momento uma golfada de ar fresco.

– Como vai ela? – perguntou o abade.

– Mal – disse o doutor, saindo.

O abade, então, ajoelhou, balbuciou a oração de São Fulgêncio:

– Senhor, dá-lhe primeiro paciência, dá-lhe depois a misericórdia...

E ali ficou, com a face nas mãos, apoiado à beira da mesa.

A um rumor de passos na sala ergueu a cabeça. Era a Dionísia, que suspirava, recolhendo todos os guardanapos que encontrava nas gavetas do aparador.

– Então, senhora, então? – perguntou-lhe o abade.

– Ai, senhor abade, está perdidinha... Depois das convulsões que foram de arrepiar, caiu naquele sono, que é o sono da morte...

E olhando para todos os cantos como para se assegurar da solidão disse muito excitada:

– Eu não quis dizer nada... Que o senhor doutor tem um gênio!... Mas sangrar a rapariga naquele estado é querer matá-la... Que ela tinha perdido pouco sangue, é verdade... Mas nunca se sangra ninguém em semelhante momento. Nunca, nunca!

– O senhor doutor é homem de muita ciência...

– Pode ter a ciência que quiser... Eu também não sou nenhuma tola... Tenho vinte anos de experiência... Nunca me morreu nenhuma nas mãos, senhor abade... Sangrar em convulsões! Até causa horror!...

Estava indignada! O senhor doutor tinha torturado a criaturinha. Até lhe quisera administrar clorofórmio...

Mas a voz do doutor Gouveia berrou por ela do fundo do corredor, e a matrona abalou, com o seu molho de guardanapos.

O medonho relógio, com a sua coruja pensativa, bateu as duas horas, depois as três... O abade, agora, cedia a espaços a uma fadiga de velho, cerrando um momento as pálpebras. Mas resistia bruscamente; ia respirar o ar pesado da noite, olhar aquela treva de toda a aldeia; e voltava a sentar-se, a murmurar, com a cabeça baixa, as mãos postas sobre o Breviário:

– Senhor, volta os teus olhos misericordiosos para aquele leito de agonia...

Foi então Gertrudes que apareceu comovida. O senhor doutor mandara-a abaixo acordar o moço para pôr a égua ao cabriolé.

– Ai, senhor abade, pobre criaturinha! Ia tão bem, e de repente isso... Que foi por lhe tirarem o filho... Eu não sei quem é o pai, mas o que sei é que nisso tudo anda um pecado e um crime.

O abade não respondeu, orando baixo pelo padre Amaro.

O doutor então entrou com o seu estojo na mão:

– Se quiser, abade, pode ir – disse.

Mas o abade não se apressava, olhando o doutor, com uma pergunta a bailar-lhe nos lábios entreabertos, e retendo-a por timidez; enfim, não se conteve, e num tom de medo:

– Fez-se tudo, não há remédio, doutor?

– Não.

– É que nós, doutor, não devemos aproximar-nos de uma mulher em parto ilegítimo senão num caso extremo...

– Está num caso extremo, senhor abade – disse o doutor, vestindo já o seu grande casacão.

O abade então recolheu o Breviário, a cruz – mas antes de sair, julgando do seu dever de sacerdote pôr diante do médico racionalista a certeza da eternidade mística que se desprende do momento da morte, murmurou ainda:

– É nesse instante que se sente o terror de Deus, o vão do orgulho humano...

O doutor não respondeu, ocupado a afivelar o seu estojo.

O abade saiu, mas, já no meio do corredor, voltou ainda, e falando com inquietação:

– O doutor desculpe... Mas tem-se visto, depois dos socorros da religião, os moribundos voltarem a si de repente, por uma graça especial... A presença do médico então pode ser útil...

– Eu ainda não vou, ainda não vou – disse o doutor, sorrindo involuntariamente de ver a presença da medicina reclamada para auxiliar a eficácia da Graça.

Desceu, a ver se estava pronto o cabriolé.

Quando voltou ao quarto de Amélia, a Dionísia e a Gertrudes, de rojos ao lado da cama, rezavam. O leito, todo o quarto estava revolvido como um campo de batalha. As duas velas

consumidas extinguiam-se. Amélia estava imóvel, com os braços hirtos, as mãos crispadas de uma cor de púrpura escura – e a mesma cor mais arroxeada cobria-lhe a face rígida.

E debruçado sobre ela, com o crucifixo na mão, o abade dizia ainda, numa voz de angústia:

– *Jesu, Jesu, Jesu*! Lembra-te da Graça de Deus! Tem fé na misericórdia divina! Arrepende-te no seio do Senhor! *Jesu, Jesu, Jesu*!

Por fim, sentindo-a morta, ajoelhou, murmurando o *Miserere*. O doutor que ficara à porta retirou-se devagarinho, atravessou em bicos de pés o corredor, e desceu à rua, onde o moço segurava a égua atrelada.

– Vamos ter água, senhor doutor – disse o rapaz bocejando de sono.

O doutor Gouveia ergueu a gola do paletó, acomodou o seu estojo no assento – e daí a um momento o cabriolé rodava surdamente pela estrada, sob a primeira pancada de chuva, cortando a escuridão da noite com o clarão vermelho das suas duas lanternas.

Bibliografia

Eça de Queirós, José Maria. *O crime do padre Amaro*. São Paulo: Moderna, 1994 (Coleção Travessias).

Ramalhete, Clóvis. *Eça de Queirós*. 4ª ed, São Paulo: Lisa/INL-MEC, 1981.

Guerra da Cal, Ernesto. *Linguagem e estilo de Eça de Queirós*. Lisboa: Editorial Aster, s/d.

Coelho, Jacinto Prado (org.). *Dicionário de literatura brasileira, portuguesa, galega e de estilística literária*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1979. 3v.

Saraiva, António José e Lopes, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 6ª ed. Porto: Porto Editora Ltda., s/d.

Exercícios

1. Analise as afirmações seguintes sobre *O crime do padre Amaro*:

I- No balanço final do envolvimento catastrófico entre Amaro e Amélia, ambos aparecem também como vítimas da sua história de vida: o primeiro foi praticamente forçado à carreira religiosa e ao celibato que não podia sustentar; a segunda é dominada pela admiração incondicional que devota às figuras religiosas; os dois são escravos dos seus desejos.

II- As histórias dos dois personagens servem como provas de teses desenvolvidas pelo autor em sua obra: o absurdo da exigência do celibato aos padres e o destino trágico dos que se afastam dos preceitos da moral cristã.

III- As relações espúrias entre Igreja e Estado em Portugal são alvo de constante crítica ao longo da narrativa. Um exemplo é a manipulação eleitoral dos católicos por meio do instrumento da confissão.

IV- A posição do narrador da história é mais do que anticlerical ou anticatólica; acaba por se tornar anti-religiosa, uma vez que em nenhum momento o cristianismo aparece retratado de maneira positiva ao longo do romance.

Estão corretas:

a) I e III
b) I, II e IV
c) III e IV
d) II, III e IV
c) I e II

2. Leia o trecho a seguir, retirado de *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós, para responder às perguntas:

– O senhor cônego? Quero lhe falar. Depressa!

A criada dos Dias indicou ao padre Amaro o escritório, e correu a cima contar a dona Josefa que o senhor Pároco viera procurar o senhor cônego, e com uma cara tão transtornada que decerto tinha sucedido alguma desgraça!

Amaro abrira abruptamente a porta do escritório; fechou-a de repelão, e sem mesmo dar os bons-dias ao colega, exclamou:

– A rapariga está grávida!

O cônego, que estava escrevendo, caiu como uma massa fulminada para as costas da cadeira:

– Que me diz você!?

– Grávida!

E no silêncio que se fez o soalho gemia sob os passeios furiosos do pároco da janela para a estante.

(...)

O cônego coçava estupidamente o cachaço, como o beiço caído como uma tromba. Representavam-se-lhe já os gritos em casa, a noite do parto; a S. Joaneira eternamente em lágrimas, toda a sua tranqüilidade extinta para sempre...

– Mas diga alguma coisa!– gritou-lhe Amaro desesperado. – Que pensa você? Veja se tem alguma idéia... Eu não sei, eu estou idiota, estou de todo!

(...)

– De quantos meses está ela?

– De quantos meses? Está de agora, está de um mês...

– Então é casá-la!– exclamou o cônego com explosão. – Então é casá-la com o escrevente!

a) Por que, na maneira como o cônego Dias reagiu à notícia de Amaro, está implícita uma visão negativa do clero e da personalidade do cônego?
b) O que impede a realização do plano do cônego Dias?

3. Este trecho é de *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós:

A senhora dona Maria da Assunção declarou que todas essas minas, essas máquinas estrangeiras lhe causavam medo. Vira uma fábrica ao pé de Alcobaça, e parecera-lhe uma imagem do Inferno. Estava certa que Nosso Senhor não as via com bons olhos...

– É como os caminhos de ferro – disse dona Josefa. – Tenho a certeza que foram inspirados pelo Demônio! Não o digo a rir. Mas vejam aqueles uivos, aquele fogaracho, aquele fragor! Ai, arrepia!

O padre Amaro galhofou, assegurando à senhora dona Josefa que eram ricamente cômodos para andar depressa! Mas, tornando-se logo sério, acrescentou:

– Em todo caso é incontestável que há nessas invenções da ciência moderna muito do Demônio. E é por isso que a nossa Santa Igreja as abençoa, primeiro com orações e depois com água benta. Hão de saber que é o costume. Com água benta para lhes fazer o exorcismo, expulsar o Espírito Inimigo; e com orações para as resgatar do pecado original que não só existe no homem, mas nas coisas que ele constrói. É por isso que se benzem e se purificam as locomotivas... Para que o Demônio não se possa servir delas para seu uso.

Dona Maria da Assunção quis imediatamente uma explicação. Como era a maneira usual do Inimigo se servir dos caminhos de ferro?

O padre Amaro esclareceu-a, com bondade. O Inimigo tinha muitas maneiras, mas a habitual era esta: fazia descarrilar um trem de modo que morressem passageiros, e, como essas almas não estavam preparadas pela Extrema-Unção, o Demônio ali mesmo, zás, apoderava-se delas!

– É de velhaco! – rosnou o cônego, com uma admiração por aquela manha tão hábil do Inimigo.

a) Esse episódio traz, implícita, uma crítica ao clero português. Explique-a.
b) No trecho, aparece Dona Josefa, personagem que servirá ao plano de Amaro para esconder a gravidez de Amélia. Explique como isso acontece na narrativa.

4. (Fuvest-SP)

A marquesa de Alegros ficara viúva aos quarenta e três anos e passava a maior parte do ano retirada na sua quinta de Carcavelos. (...) As suas duas filhas, educadas no receio do Céu e nas preocupações da Moda, eram beatas e faziam o *chic*, falando com igual fervor da humildade cristã e do último figurino de Bruxelas. Um jornalista de então dissera delas: "Pensam todos os dias na *toilette* com que hão de entrar no Paraíso."

(Eça de Queirós, *O crime do padre Amaro*)

Paralelismo sintático e oposição semântica são recursos usados na caracterização das filhas da marquesa de Alegros.
a) Transcreva do texto os segmentos em que isso ocorre.
b) Identifique os efeitos de sentido que decorrem do emprego de tais recursos.

5. Em *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós, João Eduardo, o noivo de Amélia, tenta afastá-la de Amaro publicando no jornal de Leiria um violento ataque contra os padres da cidade que freqüentavam a casa da S. Joaneira. No entanto, quando se descobre o autor do artigo, ele é escorraçado do convívio com Amélia. Infeliz e desesperado, vai procurar o doutor Gouveia, na esperança de obter dele alguma ajuda. No meio do longo diálogo travado entre os dois, o doutor, a certa altura, afirma a João Eduardo: "*a moral católica é diferente da moral natural e da moral social*". Atentando para as expressões "**moral**

católica", "**moral natural**" e "**moral social**" e **considerando a narrativa de Eça de Queirós**, explique a afirmação do doutor Gouveia.

6. Leia o seguinte trecho, de *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós:

Mas sucedia que, quando eles entravam em pontas de pés e mordendo a respiração, os seus passos, por mais sutis, faziam ranger os velhos degraus da escada. E então a voz da Totó saía da alcova, uma voz rouca e áspera, berrando:

– Passa fora, cão! Passa fora, cão!

Amaro tinha um desejo furioso de estrangular a paralítica. Amélia tremia, toda branca.

E a criatura uivava de dentro:

– Lá vão os cães! Lá vão os cães!

Eles refugiavam-se no quarto, aferrolhando-se por dentro. Mas aquela voz de um desolamento lúgubre, que lhes parecia vir dos Infernos, chegava-lhes ainda, perseguia-os:

– Estão a pegar-se os cães! Estão a pegar-se os cães!

Amélia caía sobre o catre, quase desmaiada de terror. Jurava não voltar àquela casa maldita...

Nesse trecho, aparece a personagem Totó, que desempenha um duplo papel ao longo da narrativa: primeiro, como elemento facilitador do romance entre Amaro e Amélia; depois, como um estorvo a esse romance. Explique de que maneira ela exerce esses dois papéis.

Respostas

1. A

2.

a) O cônego reage de maneira egoísta, pensando apenas nas conseqüências negativas que a gravidez de Amélia traria à sua vida: o fim da tranqüilidade em sua relação com a S. Joaneira. No entanto, em vez de repreender Amaro ou condenar sua atitude contrária aos preceitos católicos, o cônego preocupa-se em livrar a cara do ex-aluno e colega: era preciso casar Amélia.

b) O escrevente (José Eduardo, ex-noivo de Amélia) não é encontrado. Ele desaparecera, e só é descoberto quando a gravidez já estava muito adiantada.

3.

a) A teoria estapafúrdia de Amaro sobre a participação do demônio nos descarrilamentos de trens, e a visão do progresso como arma do diabo revelam o atraso mental do clero português, que impede, por conseqüência, o desenvolvimento de Portugal.

b) Dona Josefa adoece e é impedida pelo médico de ir aos tradicionais banhos de mar com o irmão. Amaro então planeja a viagem do cônego para a praia apenas com a S. Joaneira. Ele convenceria dona Josefa a se instalar na Ricoça, propriedade do cônego Dias, longe de Leiria, com Amélia. Ali se daria o parto, em segredo, longe das vistas da sociedade de Leiria e da mãe da moça.

4.

a) (...) As suas duas filhas, educadas no receio do Céu e nas preocupações da Moda, eram beatas e faziam o *chic*, falando com igual fervor da humildade cristã e do último figurino de Bruxelas.

b) O sentido resultante é de contraste irônico, que pode ser resumido no comentário do jornalista, citado ao final do trecho: as moças, que a princípio se revelam beatas, misturam ao misticismo religioso o apego ao mundo fútil, banal da moda: preocupam-se com a aparência com que se apresentarão no Paraíso. Aqui o humor está a serviço da crítica: Eça demonstra como a prática religiosa é uma maneira de apresentar-se para a sociedade, pura superficialidade e/ou hipocrisia.

5. A "moral natural" (da natureza) diria que é perfeitamente normal (e até desejável) um homem se juntar a uma mulher para satisfazer seus desejos, mas a "moral católica" impede isso aos padres, impondo-lhes o celibato. A "moral social" diria que homens como o doutor Gouveia ou João Eduardo são exemplares: não fazem mal a ninguém, são trabalhadores e cumprem seus deveres de cidadãos, mas para a "moral católica" são criaturas execráveis o doutor porque é ateu, o escrevente porque ousou atacar os membros da Igreja com o "Comunicado".

6. Totó é, de início, um elemento facilitador, uma vez que funciona como boa desculpa para Amélia comparecer algumas vezes por semana à casa do sineiro (onde tem seus encontros amorosos com Amaro): a moça daria aulas de catolicismo à menina. Mas, progressivamente, Totó passa a sentir uma certa atração por Amaro e uma birra por Amélia; passa a maltratá-la e a provocar o casal quando sobe para o quarto do tio Esguelhas. Amélia sente-se desconfortável e culpada por causa da paralítica, que vê como uma voz que atormenta sua consciência por estar vivendo em pecado. Transforma-se, então, em um estorvo ao romance do padre Amaro com Amélia.